



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

CONCEÇÕES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À SALA DE AULA E À INDISCIPLINA

Teresa Noronha de Alarcão

Relatório de Estágio realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II e
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de Mestre
em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

2018



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA

CONCEÇÕES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À SALA DE AULA E À INDISCIPLINA

Teresa Noronha de Alarcão

Orientador: Professor Doutor Tiago Almeida

Relatório de Estágio realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II e
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de Mestre
em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

2018

RESUMO

O presente relatório desenvolve-se no âmbito da unidade curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e de Português e História e Geografia de Portugal (HGP) no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O presente relatório inclui a descrição, análise e reflexão relativa à prática pedagógica desenvolvida no 1.º e no 2.º CEB, sendo apresentada também a investigação realizada na turma do 2.º ciclo.

O trabalho inclui uma investigação realizada no contexto da PES, com o título de “Conceções dos alunos relativamente à escola e à indisciplina”. Este estudo tem como objetivo estudar as conceções dos alunos relativamente à sala de aula e à indisciplina e compreender a motivação dos alunos na frequência das aulas. Serão também apresentadas as conceções dos professores das turmas correspondentes onde o estudo foi realizado, pois a perspetiva do professor pode influenciar o comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula (Carita e Fernandes, 2012). Os objetivos específicos do estudo são: (i) identificar as conceções dos alunos sobre o que é indisciplina; (ii) elencar razões para indisciplina na sala de aula. O estudo apresentado é de natureza qualitativa, sendo utilizadas metodologias dessa natureza.

De forma a concretizar o estudo, procurou-se conhecer as conceções dos alunos de cada uma das turmas, sendo o instrumento de recolha de dados utilizado para este estudo constituídos por duas partes distintas, sendo a primeira as entrevistas em grupo aos alunos – focus group – e a segunda as entrevistas aos professores cooperantes.

Os resultados do estudo sugerem que as motivações dos alunos para frequentar a escola são as aprendizagens e a perspetiva que têm do futuro. Apesar de compreensão das regras, os alunos não as respeitam criando algumas situações de violências e indisciplina na sala de aula.

Palavras-chave: Indisciplina; Conceções dos alunos; Conceções dos professores

ABSTRAT

The present report has been developed in the scope of the curricular unit (UC) Supervised Teaching Practice II (PESII), included in the Master's Degree in Primary Education Teaching (CEB) and Portuguese and History and Geography of Portugal (HGP) in the 2nd Cycle of Basic Education.

The present report includes the description, analysis and reflection regarding pedagogical practices developed in the 1st and 2nd Cycle of Basic Education, besides presenting an investigation undertaken in a 2nd cycle class.

The paper comprises an investigation made in a Supervised Teaching Practice with the title "Students conceptions on School and Indiscipline". The study has the purpose of studying the notions of the students with regard to classroom and unruliness and understanding their motivation in class attendance. In addition, the respective classes' teachers ideas will also be presented, since it is considered to be a key determinant on students' behaviour in and outside the classroom (Carita e Fernandes, 2012). The specific purposes of the study are: (i) identifying student's conceptions on indiscipline (ii) listing reasons for classroom indiscipline. The presented study is qualitative in it's nature, being that that is also the nature of the methodologies employed.

In order to undertake the study, we have seeked to know the views of students from each of the classes, being the data collection method based in two distinct parts: group interviews to the students – focus group – and interviews to partner teachers.

The results of the study suggest student's motivations to attend school are both learning and their expectations for the future. Regardless of their understanding of the rules, students do not respect them, creating situations of violence and unruliness in the classroom.

Palavras-chave: Indiscipline, student's conceptions, teacher's conceptions

ÍNDICE GERAL

1.INTRODUÇÃO	1
2.PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 1.º E NO 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO	3
2.1. Descrição da Prática Pedagógica desenvolvida no 1.ºCEB	3
2.1.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica	3
2.1.2. Caracterização da turma	4
2.1.3. Identificação da problemática.....	6
2.2. Descrição da Prática Pedagógica desenvolvida no 2.º CEB	8
2.2.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica	8
2.2.2. Caracterização das turmas	9
2.2.3. Identificação da problemática.....	10
2.3. Análise crítica da prática desenvolvida no 1.º e 2.º CEB	14
3. CONCEÇÕES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INDISCIPLINA	19
3.1. Contextualização do estudo	19
3.2. Enquadramento teórico	22
3.2.1. Problematização, questões e objetivos de estudo	22
3.2.2. Conceitos de indisciplina.....	23
3.2.3. O que mudar na sala de aula?	24
3.3. Metodologia	26
3.3.1. Natureza do estudo	26
3.3.2. Técnica de recolha de dados	27
3.3.2.1. Técnica de análise de dados	28
3.3.2.2. Caracterização dos participantes	28
3.4. Apresentação e discussão dos resultados	29
3.4.1. Resultados das entrevistas aos alunos	29
3.4.1.1. Quais as conceções que os alunos têm sobre a utilidade da escola	29
3.4.1.2. Quais as ideias e representação que os alunos têm sobre o que é a indisciplina	30
3.4.2. Discussão dos resultados	31
4.Conclusões	33
5. Reflexão final	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40
Anexo A. Planta da sala do 1.ºCEB	41

Anexo B. Avaliação diagnóstica de Português	42
Anexo C. Avaliação diagnóstica de Matemática	44
Anexo D. Avaliação diagnóstica de Estudo do Meio	46
Anexo E. Jogo do bingo da multiplicação	48
Anexo F. Cartaz Informativo	52
Anexo G. Propriedades dos materiais.....	53
Anexo H. Regras da sala de aula	55
Anexo I. Planta da sala 2.º CEB	56
Anexo J. Tabela de comportamento da turma A do 2.ºCEB.....	57
Anexo K. Tabela de comportamento da turma A do 2.ºCEB.....	61
Anexo L. Atividade didática “Quem sabe mais de atividades económicas”	63
Anexo M. Guião de entrevista aos alunos	71
Anexo N. Guião de entrevista aos professores cooperantes.....	72
Anexo O. Transcrição das entrevistas dos alunos	73
Anexo P. Transcrição das entrevistas dos professores cooperantes	103
Anexo Q. Análise das entrevistas aos alunos.....	107
Anexo R. Análise das entrevistas dos professores cooperantes	149

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Escola

Figura 2- Indisciplina

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Objetivos gerais e estratégias do PI do 1.º CEB

Tabela 2. Objetivos gerais e estratégias do PI do 2.º CEB

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB	Ciclo de Ensino Básico
EE	Encarregados de Educação
E.M.R.C	Educação Moral Religiosa e Católica
HGP	História e Geografia de Portugal
PC	Professora Cooperante
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada II
PI	Projeto de Intervenção
RI	Regulamento Interno

1.INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da UC de PES II, incluída no 2.º ano do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e HGP no 2.ºCEB. Esta UC contempla objetivos gerais, dos quais se destacam a compreensão do funcionamento das escolas, conceção e implementação de projetos curriculares de intervenção e de propostas pedagógicas metodologicamente adequadas, análise e reflexão sobre o papel do professor na atualidade em turmas do 1.º e do 2.º CEB.

A turma do 1.º CEB é caracterizada por ser uma turma heterogénea relativamente aos diferentes ritmos de aprendizagem, empenhada e apresentando algumas dificuldades de interação entre pares. As turmas do 2.º CEB são caracterizadas por serem pouco interessadas nos conteúdos lecionados e com um comportamento inadequado na sala de aula. Este último fator foi o que presidiu ao tema do presente relatório, uma vez que os professores cooperantes manifestavam apreensão com esta problemática, que se tornava diária, sendo esta, muitas vezes, de difícil resolução.

O relatório, para além da introdução, encontra-se dividido em três capítulos: O segundo capítulo refere-se à prática pedagógica no 1.º e 2.º CEB, descrevendo as finalidades educativas e princípios orientadores da prática pedagógica, a caracterização da turma e por fim, a identificação da problemática. E no final do capítulo, é realizada uma análise crítica da intervenção e a comparação dos dois ciclos, abordando os contextos, o papel do professor e a gestão do tempo letivo.

O terceiro capítulo refere-se à descrição da investigação realizada com duas turmas do 5.º ano de escolaridade do 2.º CEB. Uma vez que os comportamentos considerados inadequados eram diários, a sua caracterização constituiu a motivação principal para a realização do presente estudo. A questão de partida colocada inicialmente foi a definição de indisciplina para os alunos? A partir de que momento é que começa a ser falta de respeito com os agentes superiores? Deste modo, o capítulo estará dividido em cinco partes: (i) contextualização do estudo; (ii) o enquadramento teórico, onde é realizada uma revisão sucinta da bibliografia na qual se define o conceito de indisciplina

e o que se deverá mudar na sala de aula; (iii) a apresentação da metodologia utilizada para a realização do estudo, tendo em conta o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo, referindo os métodos e técnicas de recolha de dados; (iv) a apresentação dos resultados e (v) conclusões.

O quarto capítulo diz respeito a uma reflexão final, que procura analisar o contributo da prática pedagógica desenvolvida nas duas intervenções, em dois ciclos e contextos distintos, para o desenvolvimento de competências profissionais.

No final, são apresentadas as referências que sustentaram teoricamente a realização da investigação e os anexos que são referidos ao longo do trabalho.

2.PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 1.º E NO 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

No presente capítulo será feita a descrição das práticas pedagógicas desenvolvidas em contextos de 1.º e 2.º Ciclo de Ensino Básico.

As práticas realizaram-se no âmbito da UC de PES II, inserida no Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e HGP no 2.º CEB.

2.1. Descrição da Prática Pedagógica desenvolvida no 1.ºCEB

Esta prática realizou-se numa turma de 2.º ano do 1.º CEB, inserida numa instituição pública de ensino militar não-superior na zona central de Lisboa. A prática teve uma duração de oito semanas, tendo decorrido entre março de 2018 a junho de 2018, sendo dividida em três fases: observação, intervenção e avaliação.

2.1.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica

Na instituição, a professora cooperante (PC) lecionava as disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio. As áreas de expressões artísticas e físico-motora não pertenciam ao currículo, eram consideradas não curriculares e a responsabilidade era de outros docentes especialistas. Para além das expressões, fazia parte do horário a disciplina de Inglês e Educação Moral Religiosa Católica (E.M.R.C) como disciplina obrigatória. Ao longo do ano, no horário letivo estava destinado um tempo à psicóloga, que fazia sessões quinzenais na turma, de forma a promover competências socio-emocionais e comportamentais por se considerar que existiam comportamentos desadequados.

Relativamente à prática da professora cooperante, através do que foi observado, foi possível concluir que estava em conformidade com os princípios da instituição, tendo como objetivo o sucesso dos alunos e a transmissão de valores que a instituição exige, de acordo com a informação veiculada no Regulamento Interno (RI) ¹da instituição.

¹ O respetivo Regulamento Interno não será anexado ao presente relatório para que possa ser mantido o anonimato da instituição.

No que diz respeito à **organização e gestão do espaço** e dos materiais na sala de aula, a disposição das mesas facilitava o trabalho individual e a pares promovido pela docente (Cf. Anexo A), que considerava fulcral a partilha de ideias e a entreaajuda entre colegas, tal como é referido por Arends 2008, «a aprendizagem cooperativa requer atenção especial quanto ao uso do espaço da sala de aula, assim como do mobiliário flexível»(p.358).

Os recursos e materiais disponíveis na sala de aula eram o projetor, o computador, uma mesa de apoio, que era utilizada para a realização de trabalhos de grupo ou trabalhos manuais, uma bancada onde eram colocados os manuais escolares, os cadernos, os materiais didáticos de Matemática, como o tangram, relógios, entre outros e, por fim, os ficheiros de Português e Matemática. No momento da distribuição de materiais, a docente encarregava o chefe de turma da sua distribuição e ainda permitia a escolha de um colega para ajudar.

Em suma, a intervenção teve lugar numa sala de aula onde se privilegiava o trabalho autónomo, em que cada aluno geria as suas tarefas. A docente realizava propostas a pares e realizava alguns projetos de turma sempre que fosse possível porque considerava estimulante para os alunos. Sendo que os princípios educativos da docente era a diferenciação pedagógica, trabalho a pares e a interdisciplinaridade.

2.1.2. Caracterização da turma

A turma era composta por 22 alunos com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos, dos quais 11 rapazes e 11 raparigas. Os alunos eram assíduos, pontuais e muito heterogéneos relativamente aos ritmos de aprendizagem. De acordo com a PC e no decorrer do período de observação, foi possível verificar que os alunos apresentavam um bom comportamento, apesar de alguns terem comportamentos inesperados, como por exemplo, violência verbal e física.

Relativamente às relações de pares, com base no que foi descrito pela PC, os mesmos apresentavam dificuldades ao nível das relações interpessoais, como por exemplo conflitos verbais e raramente físicos (justificando-se a intervenção da

psicóloga), as quais foram melhorando ao longo do ano letivo. No fim do ano, eram positivas, pois a PC afirmava que inicialmente apenas desenvolviam trabalhos iniciais e ao longo do ano realizavam trabalhos a pares e em grupo, embora continuassem a existir conflitos entre alguns alunos, resolvidos facilmente pela PC.

No que se refere às **aprendizagens dos alunos**, foi realizada avaliação diagnóstica dos mesmos, partindo da ficha informativa entregue aos pais com as avaliações sumativas relativas ao período anterior.

Na disciplina de **português**, destacaram-se os seguintes aspetos em que os alunos revelavam maiores dificuldades: (i) produção escrita; (ii) ortografia; (iii) técnicas de recolha e informação de dados e (iv) expressão por iniciativa própria (cf. Anexo B). A turma continha dois alunos que apresentavam maiores dificuldades ao nível da produção de escrita e da ortografia e eram acompanhados por uma professora de apoio regularmente. Um destes alunos estava a ser acompanhado em psicologia. Foram identificadas como potencialidades do grupo o (i) gosto pela leitura, realizando diversas idas à biblioteca e a (ii) apresentação das obras lidas, tendo um discurso coerente e claro (cf. Anexo B).

Na área da **matemática**, no período de observação salientaram-se dificuldades na (i) resolução de situações problemáticas; (ii) memorização das tabuadas; no (iii) algoritmo de subtração e (iv) cálculo mental (cf. Anexo C). Verificaram-se como potencialidades a realização do algoritmo de adição e a leitura de números (cf. Anexo C).

Relativamente à área do **Estudo do Meio**, no período de observação não foi possível constatar muitas fragilidades, mas evidenciou-se o reduzido número de apresentações orais nesta área. E por fim, algumas potencialidades destacadas como (i) identificar animais domésticos e selvagens; (ii) identificar as características dos animais (iii) identificar as partes do corpo e, (iv) reconhecer datas e acontecimentos (cf. Anexo D).

Na área das **expressões – expressões artísticas e motoras**, as quais, como foi referido anteriormente, (cf. Capítulo 2.1.1.) não pertencem ao currículo – não foi possível

observar potencialidades e fragilidades da turma, por serem conduzidas por outro professor especialista. No período de observação, a PC lecionou algumas atividades relacionadas com expressão plástica, onde foram detetadas facilidades no recorte, colagem e pintura.

2.1.3. Identificação da problemática

Com base nas potencialidades e fragilidades encontradas na turma, realizámos um conjunto de **questões-problemas** de onde surgiu a problemática que foi considerada como prioridade a ser equacionada no Plano de Intervenção:

- Como incentivar à resolução de problemas?
- De que forma se pode motivar a trabalhar em grupo?
- De que forma podem desenvolver o cálculo mental?
- Como promover as relações interpessoais?

Após uma reflexão relativamente ao contexto onde íamos realizar a intervenção, foi definido como problemática do PI: *como desenvolver o trabalho cooperativo na sala de aula que dê resposta às dificuldades apresentadas na realização de algumas atividades e à ausência de relação entre os alunos?*

Considerando as questões referidas anteriormente, definimos três objetivos gerais para a intervenção:

- 1. Promover o trabalho cooperativo nas diversas áreas**
- 2. Desenvolver estratégias de cálculo mental**
- 3. Promover as relações interpessoais entre alunos**

Deste modo, na Tabela 1 apresentam-se os objetivos gerais do projeto e as suas respetivas estratégias desenvolvidas ao longo do mesmo.

Tabela 1.

Objetivos gerais e estratégias do PI do 1.º CEB

Objetivos gerais	Estratégias
------------------	-------------

1. Promover o trabalho cooperativo nas diversas áreas	1.1. Realização de trabalho a pares; 1.2. Realização de trabalhos em pequenos grupos; 1.3. Partilha de ideias e opiniões entre colegas; 1.4. Realização de jogos didáticos que implicassem uma resolução cooperada;
2. Desenvolver estratégias de cálculo mental	2.1. Implementação de uma tira de cálculo mental diária – <i>À descoberta do número</i> ; 2.2. Implementação do número do dia; 2.3. Resolução de problemas; 2.4. Criação de momentos de reflexão sobre os processos e estratégias utilizados, individualmente e em grande grupo; 2.5. Explicitação de estratégias utilizadas na resolução de problemas;
3. Promover as relações interpessoais entre alunos	3.1. Promoção da partilha de material entre colegas; 3.2. Promoção do auxílio entre colegas na realização de tarefas; 3.3. Desenvolvimento da autonomia na resolução de conflitos entre os alunos;

No geral, as estratégias foram inovadoras no contexto e foram ao encontro dos objetivos gerais delineados e os princípios educativos da docente continuaram a ser colocados em prática: (i) diferenciação pedagógica; (ii) trabalho a pares e; (iii) interdisciplinaridade. Estes princípios educativos foram postos em prática através de diversas atividades (cf. Anexo E), a distribuição de tarefas no momento em que os alunos terminassem o seu trabalho e várias propostas de aprofundamento para os alunos que fossem terminando as atividades propostas e a realização de atividades de aprofundamento nas diversas áreas (cf. Anexo F). Para além dos princípios educativos, foram desenvolvidas relações positivas com as crianças, para que tivessem confiança nas estagiárias e se motivassem para os conteúdos apresentados.

2.2. Descrição da Prática Pedagógica desenvolvida no 2.º CEB

Esta prática realizou-se em duas turmas de 5.º ano do 2.º CEB, inseridas numa instituição pública numa zona suburbana de Lisboa. A prática teve a duração de oito semanas, tendo decorrido entre janeiro de 2018 a março de 2018 e foi dividida em três fases: observação, intervenção e avaliação.

2.2.1. Finalidades educativas e princípios orientadores da ação pedagógica

No período de observação foi possível analisar as práticas dos professores cooperantes. Apesar de serem professores diferentes nas duas turmas, o método era semelhante, isto é, expositivo, centrado nos docentes e no trabalho individual e os estudantes raramente realizavam trabalhos a pares.

O professor cooperante de cada turma, lecionava as disciplinas de HGP e Português e os métodos de ensino não diferenciavam. As aulas eram lecionadas através da utilização do manual, leitura de textos em voz alta, realização de exercícios individuais e registo de apontamentos no quadro que deveriam ser passados para o caderno de cada aluno. Como nos mostra Arends (2008),

o ensino expositivo é um modelo centrado no professor que consiste em quatro grandes fases: (1) o fluxo tem origem na tentativa inicial do professor de clarificar os objetivos da aula e preparar os alunos para aprender através da (2) apresentação de um organizador prévio e (3) da apresentação da nova informação para dar origem a (4) interações destinadas a verificar a compreensão da nova informação por parte dos alunos e a alargar e desenvolver as suas competências cognitivas (p.257).

Numa das turmas o docente realizava a correção dos exercícios oralmente, enquanto que na outra turma o docente realizava a correção no quadro chamando um aluno de cada vez.

Embora existissem, nas duas turmas, alunos com dificuldades de aprendizagem e repetentes, os trabalhos de casa, o trabalho desenvolvido na sala de aula e os testes de avaliação não eram adaptados a cada um e não se verificavam estratégias de diferenciação

pedagógica. Segundo Leite (2016), «a diferenciação pedagógica apenas para o aluno com NEE – o único aluno dentro da turma a fazer um trabalho diferente dos outros – não pode continuar a ser considerada uma boa prática de inclusão. Saber gerir uma turma inevitavelmente heterogénea, como são todas as turmas atuais é uma das dimensões fundamentais do conhecimento profissional docente – e é provavelmente aquela sem a qual as outras dimensões não se chegam sequer a constituir» (p. 3).

Ainda que as práticas dos docentes apresentassem diversas semelhanças, foi possível verificar, no período de observação, que a relação dos docentes com os alunos diferia. Isto é, numa das turmas essa relação era muito próxima, os alunos conversavam com a docente relativamente aos seus problemas que procurava realizar um acompanhamento individualizado tendo em consideração a realidade. Na outra turma não se observa qualquer relação desta natureza entre o professor e as crianças, o que, possivelmente, justifica as diferenças encontradas nas suas atitudes e comportamento.

2.2.2. Caracterização das turmas

Uma das turmas (designada turma A) era constituída por 24 alunos com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, três dos quais têm NEE ao abrigo do decreto-lei n.º 3/2008 e quatro são repetentes. A outra turma (designada turma B) era constituída por 21 alunos com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, três dos quais têm NEE, também ao abrigo do decreto-lei n.º 3/2008, e três são repetentes.

Relativamente ao **comportamento**, as turmas eram muito diferentes. Apesar de serem as duas agitadas com comportamentos como por exemplo, ruído na sala de aula, não permitirem o professor lecionar e violência verbal e física. Na turma A, a gestão da sala de aula era difícil, pois as atividades eram boicotadas, os alunos eram muito agitados, com uma capacidade de concentração reduzida, e não demonstravam respeito pelos professores e estagiárias. A turma B, apesar de ter alunos agitados, permitia uma melhor gestão de sala de aula, tornando-se mais fácil a leção dos conteúdos, e a implementação das atividades e jogos didáticos planejados pois, tal como referido anteriormente, a relação positiva com a docente parecia contribuir para que a respeitassem um pouco mais e, por consequência, as estagiárias.

No período de observação, foi realizada uma avaliação diagnóstica e foram identificadas algumas **potencialidades** e diversas **fragilidades** relativas às turmas.

Relativamente ao **contexto**, foram apontadas como potencialidades, as salas possuírem computador e projetor, sempre funcionais e a possibilidade de os estudantes irem à Biblioteca escolar requisitar livros para as aulas e para os levar para casa. Relativamente às fragilidades, verificaram-se três: (i) a dificuldade no uso de internet; (ii) a falta de possibilidade de impressão; e (iii) a falta de momentos em que os alunos participam nas aulas, sendo o ensino expositivo.

Quanto às **aprendizagens dos alunos**, identificaram-se como **potencialidades**, em ambas as turmas, algum interesse pelos conteúdos lecionados e na turma B a boa relação com a docente e a qualidade das relações interpessoais na turma.

No que diz respeito às fragilidades **nas competências sociais**, **destacam-se**: (i) falta de cooperação entre pares; (ii) constantes momentos de falta de silêncio, agrediam-se fisicamente e não realizavam as tarefas propostas; (iii) incumprimentos das regras de sala de aula (cf. Anexo H); (iv) baixo envolvimento e concretização das atividades propostas. e (v) falta de concentração na realização de atividades, sendo observado um elevado nível de dispersão dos alunos enquanto estavam a realizar as atividades propostas.

Relativamente às **fragilidades nas aprendizagens dos conteúdos**, foram identificadas as seguintes: (i) dificuldades ao nível da compreensão leitora; (ii) falta de consolidação de conhecimentos; (iii) falta de fundamentação; (iv) dificuldades em interpretar enunciados; (v) vocabulário muito reduzido; (vi) dificuldades ao nível da expressão oral; e (vii) realização de erros ortográficos, através de um ditado.

Em suma, foi possível verificar que muitas destas fragilidades não eram suficientemente desenvolvidas nos momentos de sala de aula, como por exemplo, a exploração dos vocabulários nos textos e nos enunciados.

2.2.3. Identificação da problemática

Com base nas potencialidades e fragilidades encontradas nas duas turmas, foram realizadas um conjunto de **questões-problemas** que foram consideradas pelo par de estágio e apontaram as prioridades que deviam ser equacionadas no Plano de Intervenção:

- Como criar um ambiente educativo adequado na sala de aula?
- Como fomentar a cooperação e o respeito pelos outros?

- Como incentivar a participação ativa e crítica dos alunos?
- Como motivar os alunos para as atividades realizadas na aula?
- De que forma podemos alargar o campo lexical dos alunos?
- Como incentivar o gosto pela leitura?
- Como melhorar a expressividade dos alunos em sala de aula?

Após uma reflexão relativamente ao contexto foi realizado o PI e foi definida como problemática: *como proporcionar um ambiente propício à aprendizagem que dê resposta às dificuldades que os alunos apresentam relativamente à compreensão leitora, ao aumento do vocabulário e a uma participação ativa na sala de aula?*

De seguida, foram formulados três objetivos gerais que foram considerados como prioridades para a intervenção:

- 1. Desenvolver a participação de forma ativa, crítica e responsável**
- 2. Desenvolver a compreensão leitora.**
- 3. Desenvolver o campo lexical em diferentes áreas vocabulares.**

Estes objetivos foram pensados de forma a desenvolver as competências e as aprendizagens dos alunos, no sentido de consolidar aprendizagens essenciais para uma participação ativa e crítica. Assim, não existe um ambiente propício à aprendizagem dos alunos. Segundo Morgado (2004), citando Dean, Marchesi e Martin, «o estabelecimento de um clima relacional, afectivo e emocional baseado no confiança e aceitação mútuas, parece constituir um factor extremamente contributivo para a qualidade da acção educativa, uma vez que o afecto, as motivações e a relação interpessoal são elementos essenciais dos processos educativos.» (p.97).

Relativamente ao segundo objetivo, era notória a dificuldade que os alunos apresentavam na leitura de textos e também na forma como se expressavam oralmente, quer na argumentação das suas respostas e opiniões, quer na construção de frases e na velocidade da leitura.

E, por fim, aumentar o campo lexical em diferentes áreas vocabulares. Tanto na disciplina de Português como na de História e Geografia de Portugal, os alunos, muitas vezes, não respondiam às questões, ou não percebiam diversos conteúdos, devido à falta

de vocabulário, o que dificultava a sua capacidade para interpretar os enunciados e apresentarem uma resposta clara e consistente.

Deste modo, procurou-se realizar algumas estratégias que respondessem aos objetivos gerais definidos:

- Implementação das regras da sala de aula, realizando um cartaz de regras;
- Incentivo a discussão dos trabalhos realizados de forma, a justificar as opiniões pessoais dos alunos;
- Idas à biblioteca quinzenais;
- Promover atividades que fomentassem o alargamento do vocabulário dos alunos, nomeadamente a construção de um dicionário no caderno e um dicionário de turma;
- Promover momentos de leitura na sala de aula;
- Promoção de momentos de participação ativa, em que os alunos tenham a posse de palavra.

Deste modo, na Tabela 2 apresentam-se os objetivos gerais do projeto e as respetivas estratégias que foram desenvolvidas ao longo do projeto de intervenção.

Tabela 2.

Objetivos gerais e estratégias do PI do 2.º CEB

Objetivos gerais	Estratégias
1. Participar de forma ativa, crítica e responsável.	1.1. Organização das regras da sala de aula. 1.2. Realização de pequenas apresentações das atividades/exercícios realizados, onde cada aluno explica as suas estratégias e o seu modo de pensar. 1.3. Colocação de questões e críticas aos trabalhos apresentados pelos colegas.
2. Desenvolver a compreensão leitora.	2.1. Ida à biblioteca da escola. 2.2. Realização de atividades dinâmicas direcionadas à leitura. 2.3. Implementação de momentos de leitura em sala de aula.
3. Aumentar o campo lexical em diferentes áreas vocabulares.	3.1. Abertura de uma secção nos cadernos diários de Português e de HGP para o vocabulário desconhecido. 3.2. Exploração de textos. 3.3. Realização de atividades relacionadas com a famílias de palavras e radicais clássicos. 3.4. Construção de um dicionário de turma.

As alunas estagiárias de forma a organizar a gestão da turma e do tempo, estipularam um tempo específico que era contado com um cronómetro e projetado no quadro, de forma a dar responsabilidade e autonomia aos alunos na organização do seu tempo de trabalho. Também implementámos uma grelha de comportamento diária, que era preenchida com a escala de 1 a 5 e era explicado que iria influenciar nas avaliações do final do período e no final da intervenção as estagiárias iam compensar os alunos com o melhor comportamento (cf. Anexo J e K). Como afirma Arends (2008, p. 174),

os professores que aplicam os princípios de comportamento na gestão da sala de aula utilizam recompensas na forma de notas, elogios e privilégios para reforçar o comportamento desejado e punições, como as más notas, as repreensões e a perda de privilégios, para desencorajar tendências ou acções indesejadas.

Como foi referido anteriormente, a indisciplina é algo que acontece frequentemente nas salas de aula tendo os professores diversas dificuldades em gerir o grupo. Como afirma Morgado (1997), «“o bom professor” não é o que lida bem com indisciplina, mas o que tem poucas situações de indisciplina com que lidar» (p.40). De acordo com o mesmo autor, o professor deverá ter atitudes e comportamentos como (i) demonstrar expectativas positivas relativamente aos alunos e ao seu trabalho; (ii) adotar uma atitude com permanente atenção aos momentos na sala de aula; (iii) desenvolver a capacidade de gerir mais do que uma situação de aprendizagem em simultâneo; (iv) programar o trabalho de forma a evitar a existência de tempos mortos; e (v) explicar a promover a cooperação na definição inicial de regras de funcionamento e a sua importância.

Ainda como estratégia para diminuir a frequência de episódios de indisciplina, o professor pode, no planeamento das atividades, realizar uma sequência de aprendizagem em que as atividades estejam articuladas de forma a diminuir os tempos mortos, isto é, períodos em que os alunos estão sem fazer nenhuma tarefa (Niza, 2015). Como nos sugere Morgado (1997), os tempos mortos devem ser ao máximo possível evitados exigindo um esforço no planeamento e articulação das atividades, evitando as atividades que poderão desmotivar os alunos e apresentados como uma ocupação, como por exemplo, a realização de um desenho livre.

2.3. Análise crítica da prática desenvolvida no 1.º e 2.º CEB

Após a conclusão das práticas de ensino do 1.º e no 2.º CEB, é essencial realizar-se uma comparação e uma análise crítica, tendo como base o período de observação e o de intervenção. Será também apresentada uma avaliação das práticas, dos processos de ensino e de aprendizagem, do trabalho entre os professores e da implicação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Iniciando a comparação das duas intervenções, uma das diferenças que se evidencia é o contexto de cada prática. No 1.º CEB a nossa intervenção ocorreu numa instituição privada de ensino militar não-superior na zona central de Lisboa, que foi fundada no ano de 1803. A instituição pode ser frequentada por filhos de militares e civis, nacionais ou estrangeiros. De acordo com o projeto educativo (PE), a instituição assume o compromisso de desenvolver baseando-se nos valores de patriotismo, sentimento da honra e do dever, cidadania, liderança, rigor, camaradagem e compromisso.

Já a prática do 2.º CEB foi realizada numa zona suburbana de Lisboa e a escola é sede de um agrupamento de escolas que está inserido no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), desde 1996. De acordo com o PE do agrupamento, a maioria dos alunos que frequentam esta escola provém de diversos bairros sociais e são de origem africana. Ainda de acordo com o mesmo documento, nestes bairros existem diferentes e graves problemas a nível social e económico, nomeadamente nas áreas da alimentação, habitação, saúde, higiene, espaço e conforto. A maioria das crianças descende de pais com um nível de escolaridade muito baixo ou analfabetos, cuja língua materna não é o português.

Relativamente ao processo de ensino-aprendizagem, constataram-se algumas semelhanças e diferenças nas práticas, principalmente nos professores cooperantes e no nível de organização e gestão dos conteúdos, do tempo e na sala de aula. A gestão dos conteúdos e o planeamento das atividades, era muito diferente em cada ciclo. Enquanto no 1º CEB esse trabalho era realizado com base numa planificação semanal, no 2º CEB, devido ao contexto e a diversas dificuldades que surgiram, como por exemplo, a saída de alguns alunos da sala de aula ou o seu comportamento indisciplinado, que não facilitava a realização das atividades, era realizado um planeamento diário tendo em conta as diferentes unidades a abordar em cada período letivo. Por outro lado, as planificações

diárias permitiram uma noção e uma visão real do trabalho a realizar a curto e a longo prazo, porque as planificações eram realizadas consoante o ritmo dos conteúdos lecionados.

Outro aspeto diferenciador entre os dois ciclos, diz respeito à gestão dos conteúdos a serem lecionados no período de intervenção, devido ao tempo definido pela PC para que cada conteúdo fosse lecionado. No 1.º CEB foi-nos transmitida uma grande pressão relativamente à gestão dos conteúdos, visto que no ano letivo onde foi realizada a intervenção seriam realizadas provas de aferição externas e a PC estava um pouco apreensiva e inquieta, exigindo que o planeamento semanal sugerido pela mesma fosse lecionado escrupulosamente.

Em contraste, no 2.º CEB, os conteúdos eram transmitidos aos alunos sem que existisse uma pressão tão exigente. Concomitantemente, as restantes turmas do mesmo ano letivo estavam em fases diferentes de conteúdos, todavia, foram concretizadas algumas atividades e jogos didáticos planificados pelas alunas estagiárias (cf. Anexo L).

No contexto do 1.º CEB, as alunas estagiárias tinham mais flexibilidade na seleção das atividades, pois a professora cooperante sendo titular, facilitava o ajustamento da planificação e tinha em conta os interesses dos alunos diariamente e as dificuldades dos alunos nas diferentes áreas. Já no 2.º CEB, o horário semanal era mais exigente e as horas letivas semanais não eram proporcionais aos inúmeros conteúdos que deveriam ser lecionados, devido à pouca flexibilidade de gestão do currículo.

A realização das planificações no 1.º CEB exigiu uma grande disponibilidade por parte das estagiárias para a realização de atividades e definição de estratégias para que as atividades resultassem da melhor forma permitindo alcançar os objetivos definidos no início da intervenção. Comparativamente, no 2.º CEB, deparámo-nos também com uma grande exigência de realização de planificações para que fossem atividades mais dinâmicas e simultaneamente uma grande dificuldade em aprofundar os conteúdos, para transmiti-los aos alunos.

Comparativamente à gestão da sala de aula, apresentavam uma disposição muito diferente. No 1.º CEB a docente optou por organizar a sala em três filas na horizontal incentivando o trabalho a pares e o trabalho em grupo sendo um aspeto muito valorizado pela PC (cf. Anexo A). Lateralmente encontra-se a secretária da professora de forma a ter

visibilidade para toda a turma; no 2.º CEB em ambas as salas, os alunos sentavam-se em linha, alguns dois a dois, outros sozinhos, virados para o quadro, dando importância ao trabalho individual e ao ensino expositivo (cf. Anexo I).

A prática de ensino supervisionada realizou-se em anos de escolaridade muito distintos – 2.º e 5.º ano de escolaridade – sendo necessário identificar e modificar as estratégias para cada nível de ensino. Relativamente ao 2.º ano de escolaridade, foram realizadas atividades exploratórias e a realização de jogos didáticos, como por exemplo, o jogo do bingo da multiplicação (cf. Anexo E), a realização de um cartaz informativo relativo a um animal através de diversos tópicos (cf. Anexo F) e a exploração das propriedades dos materiais com uma atividade de exploração (cf. Anexo G). No 5.º ano de escolaridade, a metodologia de ensino era de natureza expositiva e centralizada no professor, apesar de terem sido realizados jogos didáticos no final das unidades, para a consolidação de conhecimentos. A metodologia utilizada foi uma opção das alunas estagiárias, porque ao longo da intervenção foram realizadas atividades exploratórias e dinamizadoras, sendo a gestão da sala de aula e do comportamento dos alunos cada vez mais complicado.

Outro aspeto relevante que se evidencia em ambos os ciclos é a relação professor – aluno, realçando relações de confiança e empatia apesar de diferenças significativas. No 1.º CEB foi possível estabelecer uma relação de empatia e afetividade, justificada, em parte, pela carga horária semanal. Como nos mostra Carita e Fernandes (2012), «o professor do primeiro ciclo dispõe da enorme vantagem de poder conhecer bem os seus alunos, dado o facto de a gestão curricular se apoiar predominantemente na monodocência» (p.47). Enquanto isto, no 2.º CEB, um professor que leciona várias turmas por dia e por semana, experiêcia maior dificuldade no conhecimento dos alunos. Contudo, deve-se procurar aprofundar essa relação. Nesse sentido, os alunos do 2.º CEB, têm tendência a privilegiar a relação com os colegas e a estarem integrados em grupos em vez de estabelecerem uma relação de empatia com os professores ou alunas estagiárias. Como nos mostra Morgado (1997), os alunos do 2.º CEB tendem a privilegiar a relação com os colegas, em detrimento da relação com os professores. No 1.º CEB existem mais rotinas, como por exemplo, o número do dia, resolução de problemas, apresentações orais existindo uma possibilidade maior de conhecer as potencialidades e fragilidades dos alunos e a realização da prática de diferenciação pedagógica. Segundo Resendes e Soares (2002) a diferenciação pedagógica é a identificação e a resposta a uma

variedade de capacidades de uma turma, de forma que os alunos, numa determinada aula não necessitem de estudar as mesmas coisas ao mesmo ritmo e sempre da mesma forma.

Relativamente à relação entre os professores do mesmo ano, foi também diferente, existindo trabalho cooperativo entre os professores do mesmo ano letivo no 1.º CEB e realizando as fichas de avaliação e estando sempre coordenadas com os conteúdos a serem lecionados. No 2.º CEB os docentes não planeavam as aulas em conjunto, nem estavam a par do que as restantes turmas estavam a lecionar, o que pode ser justificado, em parte, pela diferenciação de comportamento e postura na sala de aula.

Relativamente à participação dos alunos no processo de aprendizagem, sobressaiu mais no 1.º CEB, devido à distribuição de tarefas e à importância dada ao chefe de turma da semana. Esta estratégia parecia responsabilizar os alunos que, muitas vezes, tinham que tomar decisões em nome da turma. Também se verificava um maior envolvimento dos alunos na gestão e organização dos trabalhos tendo a obrigação de cumprir os trabalhos estipulados pela PC ou pelas alunas estagiárias. No 2.º CEB não existia participação direta dos alunos, os professores não os responsabilizavam por tarefas, com exceção da escrita do sumário ou raramente a correção de exercícios no quadro.

Como foi referido anteriormente, o meio social e económico dos alunos era muito distinto nos dois contextos. No 1.º CEB os encarregados de educação (EE) estavam presentes nas reuniões com a PC e, ainda, marcavam reuniões semanais. Estas reuniões semanais permitiam o acompanhamento do aluno na aprendizagem e a participação dos EE nesse processo. Como nos mostra Davies, Marques e Silva (1993), é frequente as famílias acompanharem mais os filhos nos primeiros anos de escolarização, uma tendência que se vai perdendo à medida que os alunos transitam para os ciclos de ensino seguintes.

Contrariamente, no 2.º CEB, a presença e articulação com a escola era menos assídua, podendo justificar a falta de motivação e o insucesso dos alunos na escola. Segundo Nunes (s.d), a família e a escola deverão realizar um trabalho em conjunto. Afirmo também, que «o envolvimento dos pais está, antes de mais, relacionado diretamente com o desenvolvimento da criança e o sucesso académico social dos alunos na escola» (p.51). As famílias precisam de estar envolvidas na aprendizagem dos seus filhos, e para isso precisam de ser bem acolhidos e desejados. O autor afirma que «muitas

famílias carecem mesmo de apoio para que possam ajudar melhor os seus filhos e para que se integrem a participem cada vez mais na vida escolar das suas crianças e também nas decisões tomadas no interior da própria escola» (p.10).

No contexto de 1.º CEB o ambiente era acolhedor, aconchegador e calmo, sentindo-se uma satisfação na frequência das crianças nas aulas, a alegria e a vontade de aprender na sala de aula. Contudo, por vezes, ocorriam alguns conflitos gerados pelos alunos, mas a relação com a PC favorecia a aprendizagem dos alunos. Como nos mostra Morgado (1997), «muitos estudos têm identificado o clima afetivo da sala de aula como uma importante variável contributiva para o sucesso do trabalho educativo. Assim, torna-se extremamente importante que a forma de gestão do grupo turma contribua para criar um clima relacional facilitador desse trabalho» (p.40). As reuniões quinzenais e/ou mensais da psicóloga eram importantes para os alunos compreenderem o impacto das suas atitudes nos outros.

Relativamente ao 2.º CEB era muito diferente, existia diariamente violência verbal e física que era observada nos recreios e nas salas de aula. Esta violência gerava um mau ambiente na turma tornando a relação professor-aluno muito tensa. Também dificultava a realização de diversas atividades escolares e dinâmicas. Foram observadas condutas agressivas com os professores cooperantes e com os auxiliares de ação educativa, não só violência verbal como também, algumas vezes, físicas na sala de aula. A imagem que era transmitida para o exterior era a de um grupo de alunos desmotivados e revoltados com os professores e a instituição, a quem eram impostas as regras para o bom funcionamento da instituição (cf. Anexo H).

As condutas agressivas e de indisciplina, como foi referido anteriormente, atitudes de violência verbal e física e a não realização das atividades propostas, deram base ao tema em estudo no presente relatório que serão aprofundadas ao longo do mesmo. No período de observação aconteceram, frequentemente, faltas disciplinares, expulsões da sala de aula, faltas de respeito com os professores e participações aos encarregados de educação. Ao longo do período de intervenção, vários alunos foram suspensos, devido a atitudes menos próprias na instituição, como jogos que envolviam dinheiro e violência física com os colegas.

Foi um grande desafio a intervenção nestes dois grupos do 2.º ciclo. Foi necessário existir um grande cuidado com as relações com os alunos e realização de práticas relacionadas com o comportamento, de forma a incentivar a disciplina e a participação nas aulas, apesar de não terem deixado de existir relações de conflito na turma. Apesar disso, foi importante sentir que os alunos criaram uma relação de afetividade e de confiança com as alunas estagiárias, que se revelou no final da intervenção com as despedidas e com os pedidos de regresso à instituição.

A comparação realizada entre os dois contextos foi muito interessante, devido a serem contextos tão distintos, e, de certa forma, reforçar a necessidade de desenvolver estratégias de ensino diferenciadas para os alunos com realidades diferentes e ritmos de aprendizagem distintos com os quais nos podemos cruzar ao longo da nossa vida profissional.

3. CONCEÇÕES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INDISCIPLINA

3.1. Contextualização do estudo

O estudo realizado recai sobre a problemática da indisciplina tendo emergindo do contexto da prática de ensino supervisionada II e, especificamente, das dificuldades observadas e sentidas na gestão da turma devido à indisciplina. Segundo Silva e Neves (2006), «a indisciplina na sala de aula como a manifestação de actos/conduitas, por parte dos alunos, que têm subjacentes atitudes que não são legitimadas pelo professor no contexto regulador da sua prática pedagógica e, conseqüentemente, perturbam o processo normal de ensino-aprendizagem. (p.7)»

Atualmente, nas instituições do nosso país a indisciplina e as dificuldades que os docentes têm na gestão da turma e do comportamento dos alunos na sala de aula são das maiores dificuldades sentidas, como afirmam Banaletti e Dametto (2015). Através da observação e análise diária na maioria das escolas e ouvindo profissionais do ensino verifica-se um período de crise em que as instituições enfrentam diversos problemas e um deles é a indisciplina dos alunos. Como nos é mostrado por Banaletti e Dametto (2015),

as instituições escolares enfrentam múltiplos problemas preocupantes, dentre eles, a indisciplina dos alunos. Pode-se identificar que a mesma é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos professores, que em diversas circunstâncias, não sabem como atuar perante essa questão que abrange a todos os envolvidos no

processo educativo e que causa inúmeros prejuízos para o processo de escolarização.

Com efeito, no decorrer da prática de ensino supervisionada foi possível colocar diariamente algumas questões como: (i) O que é para os alunos a indisciplina? (ii) Qual a razão dos alunos apresentarem um comportamento indisciplinado na sala de aula? (iii) O que os motiva a frequentar a escola? Estas questões consequentemente conduziram à opção do desenvolvimento da presente investigação, sendo o título “As concepções dos alunos relativamente à sala de aula e à indisciplina”, com o objetivo de compreender a indisciplina na perspetiva dos alunos e as razões e justificações que apresentam para os seus comportamentos.

Existem vários estudos relativamente às concepções dos professores relativamente à indisciplina, sendo uma problemática presente nos dias de hoje, como refere Oliveira (2015), citado por Banaletti e Dametto (2015),

a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos indisciplinados comprometem o seu estado emocional, gerando sentimentos de frustração, tensão, desânimo e baixa autoestima. Há professores que depois de um dia de trabalho pensam em desistir de sua profissão devido a esta situação, sofrendo em uma dimensão física, psíquica e moral (p.9).

Nas escolas os professores tentam muitas vezes resolver as questões da indisciplina nas salas de aula, querendo criar um ambiente agradável e acessível à aprendizagem. Segundo os autores Banaletti e Dametto (2015), existem professores que perdem muito tempo na aula a tentar acomodar os alunos e a chamar a atenção desejada para apresentar os conteúdos, podendo esse tempo ser aproveitado para o desenvolvimento de conteúdos. Segundo Estrela (1992), «o tempo que o docente gasta na manutenção da disciplina, o desgaste provocado pelo trabalho num clima de desordem, a tensão provocada pela atitude defensiva, a perda do sentido da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal levam a sentimentos de frustração e desânimo e ao desejo de abandono da profissão» (p. 97).

Em Portugal foi realizado um estudo sobre a indisciplina nas escolas entre os anos letivos de 2015 a 2016, sendo que no universo do estudo (47 agrupamentos/escolas) o total de participações disciplinares foram 11127 (5,4%). No entanto, o total do número

de alunos com faltas disciplinares apresentadas foi 4417 (5,1%). Segundo Eccheli (citado por Banaletti e Dametto, 2015), a causa da indisciplina presente nas escolas poderá estar relacionada com a falta de motivação dos alunos, por serem obrigados a estar na sala de aula sem compreenderem a razão e a utilidade dos conteúdos estudados.

Deste modo, é importante compreender o problema da indisciplina através dos alunos e compreender qual o seu entendimento sobre este fenómeno. Assim, numa tentativa de refletir com os alunos sobre as causas da indisciplina, surgiu o tema do presente estudo, realizado no âmbito do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e HGP no 2.º CEB, no contexto da PES II.

O tema desta investigação decorre da observação e intervenção desenvolvida no 2.º CEB, durante a qual o par de estágio se deparou com a indisciplina diária na sala de aula e no recreio, que suscitou, por um lado interesse na temática e, por outro, vontade de intervir nesta problemática na sala de aula. Face ao exposto anteriormente, considerou-se que seria relevante envolver os alunos nesta reflexão e que seria importante conversar com os alunos para recolher as suas conceções sobre o tema, até por se colocar a hipótese de esta aparecer, também, associada às representações que têm sobre a escola.

A indisciplina estava presente diariamente nas aulas que eram lecionadas pelos docentes e pelas alunas estagiárias, era muito difícil o começo da aula, que os alunos se sentassem nos seus lugares e a aula demorava cerca de quinze minutos a iniciar.

Ao longo da observação e da intervenção, os professores cooperantes tiveram conversas informais com as alunas estagiárias dando algumas informações do contexto familiar, social e económico dos alunos da turma que poderia ajudar a saber lidar com o aluno e a perceber algumas atitudes. O professor deve conhecer o aluno para conseguir compreender algumas atitudes e ajudar a combater as dificuldades de cada um.

Através das observações colocadas pelos professores cooperantes, relacionando com o contexto e o comportamento diário das turmas foi constatado que poderia ser relevante colocar as seguintes questões no âmbito da presente investigação: (i) O que é para os alunos a indisciplina? (ii) Qual a razão dos alunos apresentarem um comportamento indisciplinado na sala de aula? (iii) O que os motiva a frequentar a escola? Apesar de existirem diversos estudos relativamente à indisciplina, não é frequente dar voz aos alunos e ouvir o que têm a dizer sobre os assuntos em que estes são os

principais agentes. Segundo Carita e Fernandes (2012) «a indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar» (p.15).

Deste modo, estavam definidos os objetivos específicos do estudo: (i) identificar as concepções dos alunos sobre o que é indisciplina; (ii) elencar razões para indisciplina na sala de aula.

3.2. Enquadramento teórico

Nesta secção será apresentada uma breve revisão da bibliografia da problemática *a indisciplina na sala de aula*, depois de definidos o problemas, as questões e os objetivos de estudo. Deste modo, serão apresentados os conceitos de indisciplina e um entendimento possível de atitudes e comportamentos expectáveis para a sala de aula. Segundo Curto (1998), a indisciplina poderá ser um fator subjetivo e difícil de definir, devido aos professores terem formas diferentes de encarar os mesmos problemas. No entanto, tentar-se-á posicionar este trabalho numa definição operacional que permita problematizar as concepções dos alunos.

3.2.1. Problematização, questões e objetivos de estudo

Atualmente, a problemática da indisciplina está muito presente nas escolas e conhece-se as relações entre as concepções que os professores têm e a indisciplina e é cada vez mais importante que se conheçam as representações que os alunos têm e o que pensam.

Deste modo, identificaram-se as seguintes questões que irão orientar o estudo: (i) Quais as concepções que os alunos têm sobre a utilidade da escola; (ii) Quais as ideias e concepções que os alunos têm sobre o que é a indisciplina.

Com as questões apresentadas, foram formulados os seguintes objetivos específicos de investigação: (i) identificar as concepções dos alunos sobre o que é indisciplina; (ii) elencar razões para indisciplina na sala de aula.

3.2.2. Conceitos de indisciplina

No início da presente secção será apresentada a origem da palavra «indisciplina». A palavra provém do latim e apresentada a mesma raiz da palavra discípulo (*discipulus*), que significa “**aquele que aprende**”. Assim, indisciplina deriva do latim (*indisciplina*) e refere-se, na sua origem etimológica, a “**falta de instrução**”.

De forma a aprofundar o tema da indisciplina, é necessário realizar a distinção entre disciplina e a indisciplina. Relativamente ao termo indisciplina, o autor Estrela (1998), citado por Ribeiro (2010) afirma que o termo surge usualmente relacionado com a disciplina e é definido pela quebra das regras estabelecidas.

De acordo com o dicionário online da Porto Editora (2018), a disciplina é caracterizada por ser (i) “conjunto de regras ou ordens que regem o comportamento de uma pessoa ou coletividade; (ii) observância das regras; obediência; (iii) capacidade de controlar um determinado comportamento de forma a respeitar regras ou conseguir resultados; (iv) conjunto de conhecimentos específicos que se ensinam em cada cadeira de um estabelecimento escolar; (v) autoridade; (vi) castigo; mortificação.”. Relativamente à definição de indisciplina, na mesma fonte, apresenta “(i) falta de disciplina; (ii) ato ou dito contrário à ordem ou regras estabelecidas; (iii) desordem; (iv) rebelião; (v) incapacidade de agir de forma metódica”. Para este estudo consideraremos a ideia de indisciplina como “ato ou dito contrário à ordem ou regras estabelecidas.”

O autor Curto (s.d.), apresenta a ideia que os problemas relacionados com a indisciplina não pertencem apenas ao século XX, mas que estão presentes há mais de dois mil anos. Segundo Charlton e David (1993), citado por Aires (2010), indisciplina aparece como «um conjunto de comportamentos verbais e não verbais que, de diferentes modos e em diferentes graus, desafiam a autoridade do professor ou da escola» (p.13).

Dito de outra forma, a indisciplina é um comportamento que perturba os professores, existindo professores que ficam com certas instabilidades físicas, emocionais e psicológicas. Como afirmam Carita e Fernandes (2012), «a indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas.» (p.15). Neste sentido Silva e Neves (2004), consideram a indisciplina um fenómeno complexo que apresenta diversos fatores de ordem social,

familiar, pessoal e escolar. Para os autores, o que se passa no interior da sala de aula é o reflexo do meio que envolve o aluno na sociedade.

Para Aires (2010), «a indisciplina na escola é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino, e dada a sua inevitabilidade, tão antigo como a própria escola» (p.13). Como defende Carita e Fernandes (2012), «a indisciplina mexe mais fundo, sendo frequentemente vivida como uma obstrução à relação ou mesmo como uma desconsideração pessoal ou mesmo ainda como um ataque pessoal» (p.15). Já Garner e Hill (1995), citado por Aires (2010), consideravam «a indisciplina como uma gama de comportamentos que limitam ou impedem a normal participação da criança ou jovem nas atividades educativas; que afectam a aprendizagem dos colegas do aluno indisciplinado» (p.14).

A indisciplina pode ter as causas divididas em cinco grupos: sociedade, família, escola, professor e aluno. Por outro lado, a disciplina segundo Vasconcelos (2004), citado por Banaletti e Dametto (2015), «é uma construção coletiva da práxis pedagógica que exige esforço, comprometimento e dedicação de todos os sujeitos envolvidos» (p.10). A disciplina ou indisciplina são fenómenos complexos e incertos. Para Aires (2010), é difícil formular uma definição precisa da segunda.

Segundo Carita e Fernandes (2012),

quando falamos em indisciplina na sala de aula estamos antes de mais a falar de alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores. A indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar (p.15).

Em suma, a indisciplina é um conjunto de comportamentos que perturbam o funcionamento da sala de aula que podem perturbar os professores emocionalmente, psicologicamente, desmotivando-os a exercer a sua profissão.

3.2.3. O que mudar na sala de aula?

Nesta secção irá abordar-se o comportamento desejável e expectável dos alunos na sala de aula, assim como as atitudes dos professores que promovem um clima social positivo e como se deve contornar a problemática da indisciplina.

Para compreender alguns comportamentos que os alunos deverão ter na sala de aula, é necessário definir o espaço da sala de aula. Como afirma Arends (2008), citado por Ribeiro (2010),

a sala de aula é um espaço, muito próprio, onde se vivenciam ambientes de aprendizagem visando o sucesso educativo. Para que os ambientes sejam produtivos, é necessário que os alunos estejam motivados, desenvolvam atitudes positivas em relação a si e ao grupo turma, existam estruturas e processos para satisfazer as necessidades dos alunos e do professor e um ambiente em que os alunos adquiram “as competências de grupo e interpessoais necessárias à realização das exigências escolares e grupais da turma” (p.49).

Ainda de acordo com o mesmo autor “a indisciplina na sala de aula é um comportamento consciente por parte dos alunos «os alunos, particularmente os mais velhos, apercebem-se do efeito devastador de muitas dessas situações e mesmo do seu efeito negativo no autoconceito e autoestima do professor, ainda que não seja sua intenção conseguir tal efeito» (p.16).

Neste sentido, para o bom funcionamento da sala de aula é necessário o professor ter uma postura de assertividade e não de agressividade. Segundo Lloyd (1993), citado por Carita e Fernandes (2012), «o comportamento assertivo é ativo, direto e honesto. Comunica uma impressão de respeito próprio e respeito pelos outros» (p.38). Como nos mostram Carita e Fernandes (2012), «a investigação educacional das últimas décadas tem provado que, independentemente da sua vontade e dos seus propósitos, os professores detêm o poder de *modelagem*, ou seja, de influenciar os comportamentos dos alunos mediante o seu próprio comportamento» (p.24). O professor deverá ter consciência que é um exemplo para os alunos e por isso, tem que tornar essa atitude consciente. Bandura (1969), citado por Carita e Fernandes (2012) afirma que os professores deverão ter em conta as seguintes variáveis: (i) **características da situação**, ou seja, nos primeiros dias de aulas devem ser um exemplo e mostrar segurança dominando a situação; (ii) **personalidade do modelo**, isto é, se os alunos o respeitarem ou se gostarem dele, terá um maior poder de influência, tendo que existir consistência entre o que diz e o que faz; (iii) **o valor do próprio comportamento**, uma vez que é importante os professores reconhecerem mérito aos alunos e, por fim, (iv) **a intencionalidade e metodicidade**, ou seja, que ajudem a construir um modelo de comportamento.

Como afirmam Carita e Fernandes (2012), o professor tem que ter consciência da importância das suas ações e da forma de se relacionar, sendo fulcral conhecer-se a si mesmo profissionalmente para ter em atenção as suas atitudes e prever os reflexos destas nos alunos. Segundo o autor Teixeira (1995), citado por Curto (s.d.), «o professor deve saber comunicar e deve saber escutar o aluno, tendo em consideração que a “a capacidade de tornar as aulas divertidas decorre, naturalmente, da relação que o professor consegue estabelecer com os seus alunos» (p.20).

Como afirma, Stoll (1991), citado por Morgado (2004), afirma que uma sala de aula que apresenta um clima social positiva observam-se elevados padrões de comunicação entre os alunos e os professores. Os docentes fazem elogios aos alunos, construindo e exprimindo atitudes e expectativas positivas aos alunos, interessando-se no seu crescimento pessoal e, não apenas educacional.

Morgado (1997), afirma que o desenvolvimento de escolas inclusivas, e com capacidade para sustentar percursos educativos com sucesso para todos os alunos, passa pela definição de uma ação educativa diferente para todo o tipo de contextos. As dimensões consideradas envolvidas na relação pedagógica são (i) o aluno, (ii) o professor, (iii) o grupo turma, (iv) as metodologias, (v) o currículo e a gestão curricular, (vi) as atividades de aprendizagem, (vii) a escola e (viii) o meio familiar.

3.3. Metodologia

Na presente secção serão apresentadas as opções e os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da investigação, com o objetivo geral delineado de estudar as conceções dos alunos do 5.º ano de escolaridade do 2.º CEB relativamente à indisciplina.

3.3.1. Natureza do estudo

A natureza da presente investigação, tendo em conta o seu objeto de estudo, é qualitativa, como afirma Bento (2012) as características da investigação qualitativa são diversas, como por exemplo, o investigador vai ao local dos participantes para recolher os dados com detalhes, é interpretativa e descritiva fazendo uma interpretação dos dados retirando diversas conclusões. Esta caracteriza-se por um estudo descrito, incluindo entrevistas de alunos e de professores. Segundo Ketelle e Roegiers (1999), “a entrevista

é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações” (p.22).

Tal como sugerido por Tuckman (2002), procura-se compreender e interpretar o sentido dos comportamentos, refletindo sobre a realidade.

3.3.2. Técnica de recolha de dados

Sendo um estudo de natureza qualitativa, as técnicas de recolha de dados privilegiadas foram de carácter qualitativo. Relativamente à recolha de dados optou-se por entrevistas aos alunos e aos professores cooperantes. As técnicas de recolha de dados são fundamentais uma vez que possibilitam “proceder ao levantamento de dados significativos para a compreensão da realidade” (Estrela, 1994, p.12). Segundo Coutinho (2013), o recurso da entrevista permite “explicar o ponto de vista dos participantes, como pensam, interpretam ou explicam o seu comportamento no contexto natural em estudo” (p. 332).

O instrumento de recolha de dados utilizado para este estudo é constituído por duas partes distintas, sendo a primeira as entrevistas em grupo aos alunos – *focus group* – e a segunda as entrevistas aos professores cooperantes. Para a realização das entrevistas foi realizado um guião de entrevista, em que as questões estão divididas por blocos temáticos e os objetivos definidos (cf. Anexo M e N). A recolha de dados que foi escolhida teve como objetivo, ouvir as opiniões dos alunos e tentar compreender o comportamento dos alunos na sala de aula. Relativamente às entrevistas realizadas aos professores, as questões realizadas apresentam um intuito de definir a indisciplina e perceber se a opinião dos professores influencia o comportamento dos alunos.

As entrevistas apresentam uma estrutura de questões abertas e fechadas dando possibilidade aos entrevistados de exprimirem a sua opinião apresentando as suas perspetivas podendo também existir um diálogo. Neste sentido, Erlandson (1993, citado por Moreira, 2007, p.203) defende que a entrevista é similar e sem dúvida diferente de uma conversa informal, em que o investigador e o investigado dialogam de uma forma que é um misto de conversa e perguntas deliberadas.

As entrevistas realizadas em grupo, como nos mostra Ketelle e Roegiers (1993) “podem ser interessantes pela questão do tempo e porque os efeitos procurados situam-se mais ao nível das interações entre diferentes pessoas do que em fatos precisos” (p. 21). Segundo Bogdan e Birkeln (1994), «as entrevistas de grupo podem ser úteis para transportar o entrevistador para o mundo dos sujeitos» (p.138).

Apesar de ter sido construído um guião de entrevista é possível conduzir a conversa com alguns tópicos, como afirma Bogdan e Birkeln (1994), «as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo.» (p.135). Após a realização dos guiões de entrevista, foram realizadas as entrevistas em grupos e realizada a sua transcrição (cf. Anexo O e P). A recolha de dados foi realizada entre 15 de fevereiro a 8 de março de 2018.

3.3.2.1. Técnica de análise de dados

De forma a analisar os dados recolhidos, foram realizadas três fases. A fase inicial consistiu na leitura das entrevistas previamente transcritas (cf. Anexo O) e na organização dos dados.

Na fase seguinte, foi realizado um processo de análise misto, isto é, bottom um e up bottom, sendo definidas as categorias, as subcategorias e os indicadores e preenchidas as unidades de registo. Este processo exigiu a leitura cuidada de todas as verbalizações de cada sujeito e principalmente, a análise minuciosa dos conteúdos.

Na fase seguinte os dados foram contabilizados as frequências totais e relativas de cada uma das categorias e subcategorias com recurso às tabelas com as unidades de registo obtidas a partir das entrevistas dos alunos e dos professores cooperantes (cf. Anexo Q e R).

3.3.2.2. Caracterização dos participantes

No estudo participaram 38 alunos de duas turmas de 5.º ano do 2.º CEB de uma escola pública numa zona suburbana de Lisboa, cujas idades estão compreendidas entre os 9 e os 13 anos. Participaram também dois docentes das respetivas turmas.

Tal como referido anteriormente, no capítulo referente à caracterização do contexto de 2.º CEB, o grupo em questão apresentava um comportamento indisciplinado,

isto é, desrespeito pelos professores e colegas, pouco trabalho desenvolvido na sala de aula e violência na sala de aula, que levou a esta investigação.

3.4. Apresentação e discussão dos resultados

Após realizada a descrição da metodologia usada para o presente estudo, nesta secção serão apresentados os resultados, a análise dos dados obtidos e a discussão dos mesmos.

3.4.1. Resultados das entrevistas aos alunos

De forma a analisar os dados obtidos a partir das entrevistas organizou-se a informação em gráficos. Como foi referido anteriormente, a análise foi efetuada por categorias, subcategorias e indicadores. Deste modo, os gráficos apresentados estarão organizados pelos indicadores de cada categoria (cf. Anexo O). Os dados também serão apresentados seguindo as questões de investigação colocadas.

3.4.1.1. Quais as conceções que os alunos têm sobre a utilidade da escola

Inicialmente serão apresentados os resultados referentes à categoria da **escola**, apresentando como objetivo a identificação dos interesses dos alunos na escola e as suas motivações.

De forma a sintetizar as evidências relativamente aos interesses dos alunos e as suas motivações, pode-se afirmar que as razões que levam os alunos a frequentar a escola são os estudos, ter vontade de aprender e os conteúdos escolares lecionados. Verificam-se 51% respostas dos alunos. Relativamente a razões relacionadas com o futuro de cada aluno verificou-se 20% das respostas. No indicador *brincar* responderam 15% dos alunos. Referindo o indicador “alunos”, responderam 11% dos alunos que frequentavam a escola para estarem e interagirem com os seus colegas. Relativamente ao indicador “apoio familiar” apenas 1% dos alunos identificaram essa razão. E por fim, o indicador relativo às obrigações, em que apenas 2% dos alunos responderam que iam porque eram obrigados. (cf. Figura 1)

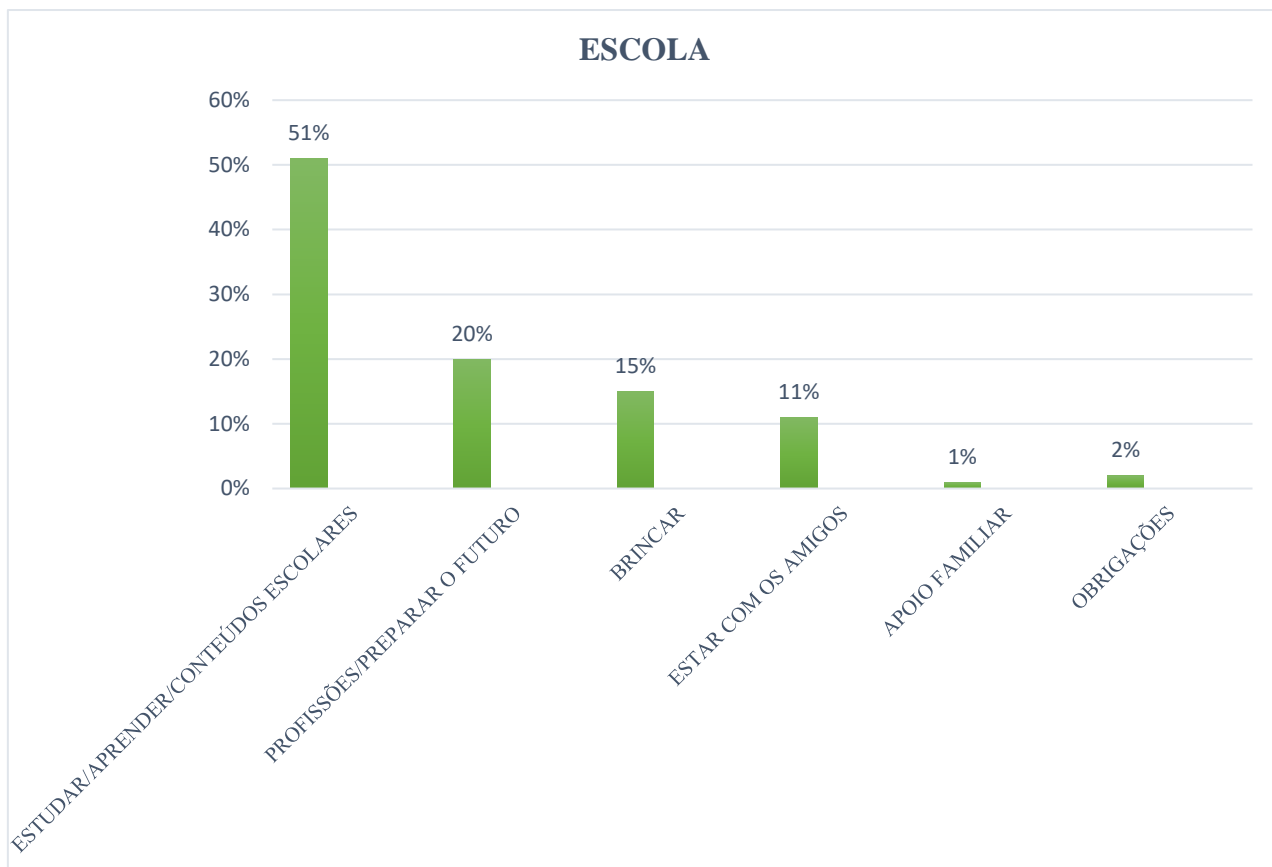


Figura 1- Escola

3.4.1.2. Quais as ideias e representação que os alunos têm sobre o que é a indisciplina

Como é possível constatar nas escolas, as turmas e os alunos são todos muito diferentes, apresentam níveis de aprendizagens diferentes, necessidades diferentes, e também poderão ter níveis diferentes de indisciplina. Segundo Amado (1998/2000), citado por Silva e Neves (2004), podem considerar-se três níveis de indisciplina (i) “desvios às regras de produção” que poderão causar perturbações ao funcionamento da aula; (ii) “conflitos interpares”, ou seja, dificuldades no relacionamento dos alunos, podendo abranger o *bullying* e a violência” e por fim, (iii) “conflitos da relação professor-alunos”, isto é, comportamentos que põem em causa a autoridade e o estatuto do professor.

Deste modo, os resultados serão apresentados através dos três níveis de indisciplina referidos acima. Optou-se por não criar indicadores por terem uma representação reduzida no registo dos alunos.

Como é possível verificar na figura 2, existem 55% dos alunos que apresenta “conflitos na relação professor-alunos”. Relativamente aos “desvios à reprodução de

regras” responderam 35% dos alunos e por fim, 10% dos alunos devido aos “conflitos interpares”.

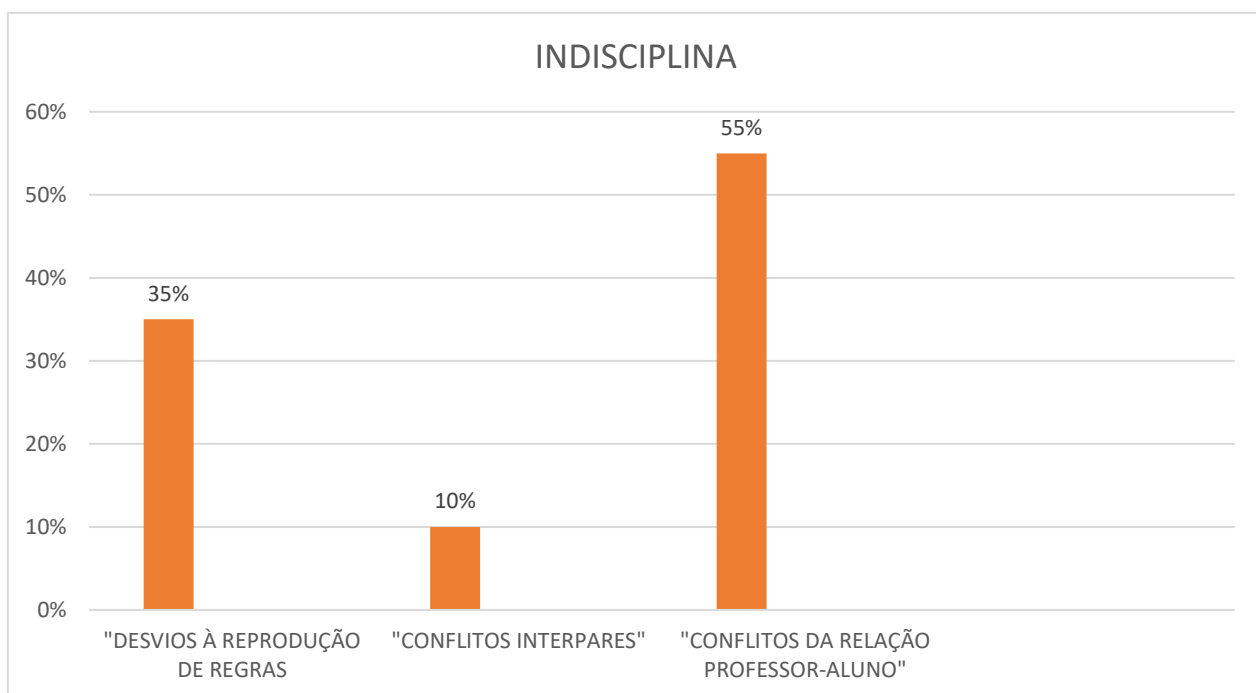


Figura 2- Indisciplina

3.4.2. Discussão dos resultados

Após apresentados os resultados, é essencial analisá-los reflexivamente, mobilizando sempre que seja necessário apresentar referenciais teóricos que possam ser pertinentes para o estudo.

De um modo geral, os alunos frequentam a escola devido à aprendizagem dos conteúdos escolares e os seus maiores interesses em frequentá-la são os estudos. Como é possível verificar no gráfico (cf. Figura 1) alguns alunos também se preocupam com o seu futuro e com as profissões que delineiam como objetivo para a sua vida futura. Segundo Estrela (2002), «o papel do professor deixa de ser essencialmente o de transmissor para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e socioafectivo do aluno.» (p.39).

Tendo em conta, as motivações dos alunos para ir à escola e referindo o indicador *brincar*, é possível verificar que é uma das razões que levam os alunos a frequentar a

escola, sendo uma atividade fulcral para as crianças. Como nos mostra Valério (2016), «É importante frisar que o brincar e o jogar não se resumem apenas a formas de divertimento e de prazer para a criança, mas são meios privilegiados dela expressar os seus sentimentos e aprender». Na categoria *espaço exterior da escola* também é possível verificar o número de crianças que lhes agrada brincar com os seus colegas. As crianças ao brincarem com os seus colegas estão a desenvolver diversas capacidades, é possível verificar que diversos alunos frequentam a escola para interagirem com os seus colegas. Como afirma Valério (2016) «o brincar desempenha um papel igualmente importante na socialização da criança, permitindo-lhe aprender a partilhar, a cooperar, a comunicar e a relacionar-se, desenvolvendo a noção de respeito por si e pelo outro (...)».

Relativamente à figura 2, é possível verificar que existem relações de conflito entre os professores e os alunos, o que leva ao incumprimento das regras da sala de aula. Por vezes, a relação com os professores poderá influenciar o comportamento do aluno. segundo Carita e Fernandes (2012), «a investigação educacional das últimas décadas tem provado que, independentemente da sua vontade e dos seus propósitos, os professores detêm o poder de *modelagem*, ou seja, de influenciar os comportamentos dos alunos mediante o seu próprio comportamento.» (p.24). Como nos mostra, Sarnoski (2014), é muito importante para o desenvolvimento e construção do conhecimento o fator afetivo, pois através das relações afetivas é possível o aluno desenvolver-se, aprender e adquirir mais conhecimentos que o vão ajudar no desempenho escolar.

Por fim, existem diversos conflitos interpares, que poderá levar à indisciplina pois os alunos sentem diversas situações de tensão e acabam por estar desconcentrados e pouco interessados nos conteúdos da sala de aula. Apesar destes conflitos com os colegas, diversos alunos frequentam a escola para estarem com os seus amigos. Como referi anteriormente, no 1.ºCEB os alunos eram acompanhados por uma psicóloga que os ajudavam a compreender algumas situações e a fazerem um esforço para mudarem as suas atitudes com os colegas.

4. Conclusões

Após a análise dos dados e a sua discussão, e tendo por base os objetivos do estudo, surgem, algumas conclusões que são importantes destacar.

Concluiu-se que as motivações dos alunos relativamente à escola estão relacionadas com o estudo, a aprendizagem e os conteúdos escolares, visto que as respostas dos alunos evidenciam este aspeto. Este aspeto poderá estar relacionado com a perspetiva do futuro que os alunos tenham, querendo ter um bom futuro e conseguir criar uma família e estabilidade económica.

Evidencia-se o facto do comportamento dos alunos ser influenciado pela relação com os professores e por vezes, pela disciplina que é lecionada. Como nos é mostrado na Associação de Professores de Sintra (2000), é observado que existem alunos que se comportam mal com uns professores e com outros não mas afirma, que nem todos os conteúdos que os professores lecionam têm o mesmo valor para os alunos e nem todas as salas de aulas são adequadas para a aprendizagem, mas todos os docentes transmitem marcas positivas para a aprendizagem.

É possível constatar que os alunos sabem que comportamento deverão apresentar numa sala de aula, apesar de não as cumprirem. Maior parte dos alunos, sabe que comportamentos não poderá realizar na sala de aula e que comportamentos deverá apresentar, é necessário é que os professores saibam estabelecer os limites e impor regras. Como nos mostra Silva (2005), «os professores são os adultos, representantes da “autoridade”, os primeiros responsáveis pelo que se passa na aula. Os professores têm objectivos e agem no sentido de os alcançar. Como agem os professores, como organizam e gerem o tempo e as actividades na aula tem influência sobre a ocorrência de episódios de indisciplina. É, por isso, recomendável que o professor reflecta sobre as suas práticas e, numa perspectiva de constante aperfeiçoamento, seleccione aspectos da sua actuação que julgue merecedores de um esforço de mudança.» (p.7).

Outro aspeto evidenciado, é a importância de os alunos construírem as regras da sala de aula com os professores, como nos afirma a professora cooperante «Os alunos vão definindo essas regras, como por exemplo, colocar o dedo no ar para falar, entrarem na sala de forma adequada, não utilizarem bonés, etc... Mas depois é preciso compreender que essas regras ou princípios de convivência na sala de podem ser em determinadas

situações aferidos.» Deste modo, os alunos ao estabelecerem as regras, irão saber futuramente que não podem realizar aquele comportamento pois poderá desrespeitar os professores, os colegas e as identidades superiores da escola.

De forma a desenvolver o estudo aprofundadamente, o tempo foi reduzido, não permitindo a leitura de artigos e livros para a revisão bibliográfica do estudo. Em investigações futuras, penso que no guião de entrevista dos alunos, poderão ser realizadas mais questões fechadas, para ser possível retirar algumas conclusões. E por fim, para que o estudo ficasse mais aprofundado e com maiores evidências, teria sido importante o registo de notas de campo ao longo do estudo.

5. Reflexão final

Nesta secção será apresentada uma reflexão final da formação, considerando fulcral refletir sobre o percurso das aprendizagens incluindo os aspetos positivos e alguns constrangimentos e dificuldades ao longo deste processo. Será realizada a análise do contributo da unidade curricular PES II, tanto no desenvolvimento das competências profissionais, sociais e pessoais. Como afirma Freire (2002), «pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima.» (p.43).

De forma a analisar todo o percurso, considero que todas as práticas realizadas na unidade curricular foram enriquecedoras para o meu crescimento profissional e pessoal, cada uma da sua forma. No 1.º CEB tive a oportunidade de intervir num contexto com um método de ensino com mais autonomia e pouco centrado no professor. Este contexto deu-me uma maior perceção da importância da implicação do aluno no processo de ensino aprendizagem. Antes da observação na prática, questionava-me como é que os alunos iriam conseguir compreender as atividades que deveriam realizar, os conteúdos a serem lecionados e através da cooperação a pares e com o apoio do professor funciona. Como nos mostra Serralha (2007), é um sistema com uma organização guiada pelo professor que deve estar presente, montando os andaimes necessários para ajudar quem precisa mais de ajuda. Cada aluno estava no seu ritmo de trabalho e de aprendizagem, e foi muito importante realizar a gestão da sala de aula e organizar os trabalhos que cada um deveria desenvolver. Segundo Arends (2008), a gestão da sala de aula e a instrução estão interligadas/relacionadas. A gestão da sala de aula não é um fim em si mesma; é apenas uma das funções do papel de liderança do professor.

No 2.ºCEB a intervenção foi realizada um contexto mais problemático sendo muito enriquecedor para a minha formação enquanto futura docente, pois foi necessário desenvolver atividades dinâmicas e apelativas que fossem do interesse dos alunos, foi o seu comportamento era bastante indisciplinado, tendo surgido o tema do presente relatório. Permitiu-me desenvolver diferentes estratégias de ensino e perceber que cada aluno tem as suas competências e diferentes processos de aprendizagem. De acordo com Morgado (2004), os materiais e os recursos desempenham um papel preponderante na qualidade da educação. A escolha dos materiais deve estar associada aos objetivos estabelecidos, à motivação que vai provocar nos alunos e à utilização autónoma por parte dos mesmos.

Relativamente à investigação do presente relatório permitiu-me aprofundar analisar os dados recolhidos e a problemática que atualmente está muito presente nas escolas. Através deste estudo, consegui compreender as definições de indisciplina e perceber as opiniões e as causas dos alunos terem certos comportamentos. Deste modo, será mais acessível conseguir controlar o comportamento dos alunos na sala de aula tendo um suporte teórico. As conclusões do estudo fizeram compreender algumas causas da indisciplina e deste modo, tentarei combatê-las.

Gostaria ainda de referir, que ao longo deste percurso académico aprendi e compreendi cada vez mais, que os alunos não são todos iguais e que existem diversos modos de se relacionar com os alunos, para que tenham sucesso na aprendizagem. Segunda Cadima (1997), diferenciar o ensino passa por organizar as atividades e as interações, de modo a que cada aluno seja frequentemente confrontado com situações didáticas enriquecedoras, tendo em conta as suas características e necessidades pessoais.

Considero que os aspetos desenvolvidos mais significativos no meu desempenho, são a entrega e a disponibilidade para ajudar no que fosse preciso, desenvolver cada vez mais as relações interpessoais e ganhar autonomia nas atividades realizadas e confiança no trabalho que estava a realizar. Penso que os professores devem ter confiança e rigor no que estão a fazer, para que os alunos sintam confiança e proximidade com os docentes. Outro aspeto significativo, foi a relação estabelecida com os alunos em cada intervenção foi importante para que os mesmos tivessem respeito. E por fim, a facilidade na realização de planificações que permite prever o que poderá acontecer na aula, definindo objetivos e preparar os materiais necessários. Segundo Bullough (1989), citado por Ribeiro,

devemos ter em conta um conjunto de atitudes e de comportamentos fundamentais para prevenir alguns comportamentos desviantes. Entre eles destacamos: i) a planificação que deve ser feita com antecedência, adequando estratégias/actividades ao tipo de alunos a que se destina; ii) preocupar-se com o que fazer e como fazer; iii) adequar as actividades a desenvolver ao dia e às diferentes horas do dia; iv) usar o corpo e a voz em benefício do controle disciplinar, deslocando-se no espaço e usar uma voz firme e adequada a cada momento da sua acção; v) variar as estratégias/ actividades e vi) deixar transparecer a sua forte motivação para o exercício da sua profissão.(P.50)

Continuo a sentir dificuldades na gestão do tempo na sala de aula e de cada actividade planeada, como referi anteriormente, o professor tem um papel muito importante na gestão da sala de aula. E outra dificuldade ainda sentida, é lidar com a indisciplina dos alunos. Sendo esta a temática que foi realizada a investigação, como aprofundi o tema e fiquei mais consciente da realidade e das medidas que poderão ser tomadas pensando que poderia ter agido em algumas situações de forma diferente.

O percurso consciencializou-me relativamente à importância da reflexão na docência. Ao longo da formação, procurei melhorar em tudo o que fazia na sala de aula, questionar o sucesso e o insucesso de algumas actividades realizadas. Durante estes anos de formação, cometi diversos erros, existiram diversas dificuldades que foram aparecendo e foi muito importante porque tive a oportunidade de experimentar, de errar, de refletir e de pôr em prática. Considero que estes erros foram fundamentais para repensar e refletir determinadas escolhas e no futuro não as irei realizar e alguns aspetos que apenas com a experiência hei de conseguir combater. Estou com motivação para iniciar o mundo do trabalho, sabendo que vão surgir constrangimentos e dificuldades podendo ser uma lição de vida.

REFERÊNCIAS

- Associação de Professores de Sintra (2011). Alunos “difíceis” professores em dificuldades. Consultado a 19 de julho de 2018, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5812/1/Indisciplina%20e%20Viol%C3%Aancia%20nas%20Escolas_APS.pdf.
- Aires, L. (2010). *Disciplina na sala de aulas - Um guia de boas práticas para professores do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Silabo
- Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar*. Portugal: McGraw- Hill de Portugal.
- Banaletti, S. e Dametto, J. (2015). *Revista de Educação do Idu* 10 (22) 1-15.
- Bento, A. (2012). *Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade*. Associação Académica da Universidade da Madeira (pp. 40-43).
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cadima, A. (1997). *Diferenciação pedagógica no Ensino Básico*. Instituto de Inovação Educacional.
- Carita, A. e Fernandes, G (2012). *A indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Curto, P. (s.d.). *A escola e a indisciplina*. Porto
- Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora (2018). Consultado a 24 de junho de 2018, em <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa>.

- Estrela, M.T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto Editora.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes - Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ketele, J.M e Roegiers, X (1993), *Metodologia de Recolha de dados*. Lisboa. Instituto Piaget.
- Leite, T (2016). *Formação de professores para a inclusão*. Cascais.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.
- Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação – Um desafio para os professores*. Lisboa_ Editorial Presença.
- Nunes, T. (s.d). *Colaboração escola-família para uma escola culturalmente heterogénea*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. Lisboa.
- Sarnoski, A. (2014). *Afetividade no processo ensino-aprendizagem*. Revista de Educação do IDEAU. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto do Uruguai.
- Silva, P. e Neves, I. (2004). *O que leva os alunos a serem (in) disciplinados?* Revista da Educação, 12 (2), 37-57.
- Silva, P. e Neves I. (2006). *Compreender a (in) disciplina na sala de aula: uma análise das relações de controlo e poder*. Revista Portuguesa de Educação 19 (1), 5-41.
- Serralha, F. (2007). *Construção Social das Aprendizagens e do Desenvolvimento Moral*. In *A Socialização Democrática na Escola: o desenvolvimento sociomoral*.

Silva, F. (2005). Gestão da sala de aula: Prevenção da indisciplina na escola. In Sim-Sim (Coord), Necessidades educativas especiais: Dificuldades da criança na escola ou da Escola (pp. 92-112). Texto Editora.

Resendes, L. & Soares, J. (2002). Diferenciação pedagógica. Universidade Aberta.

Ribeiro, M.C. (2010). Ver a indisciplina na sala de aula. Escola Superior de Educação de Bragança.

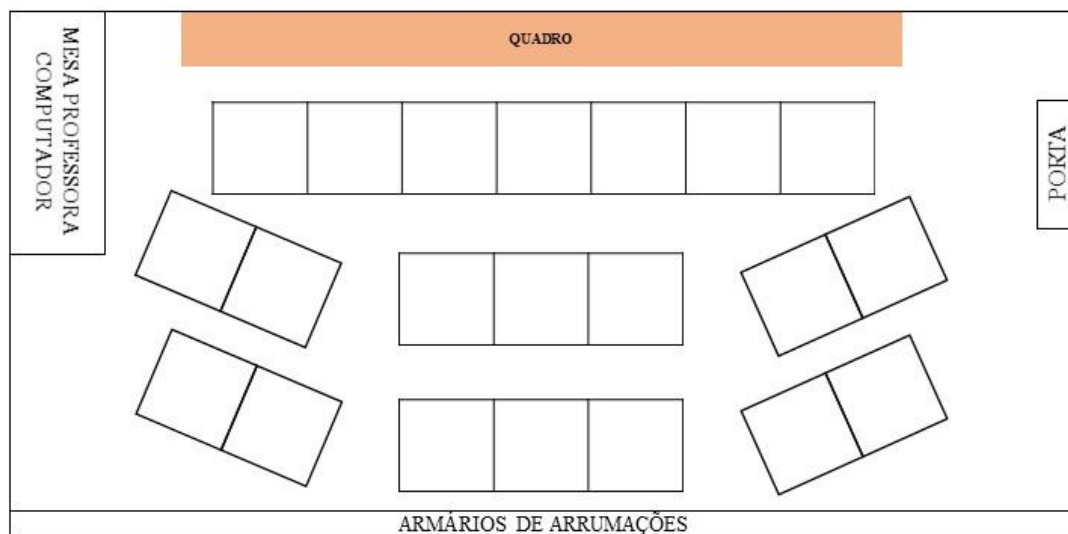
Tuckman, B. (2002). Manual de Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Valério, J. (2016). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. Consultado a 20 de julho de 2017, em

http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?a-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-da-crianca&codigo=AOP0394.

ANEXOS

Anexo A. Planta da sala do 1.ºCEB



Anexo B. Avaliação diagnóstica de Português

Área: Português																				
Conteúdos	Expressar-se por iniciativa própria				Produção de textos narrativos				Produção de textos expositivos				Discurso coerente e claro				Técnicas de recolha e de informação de dados			
	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO
A.C.	x					x				x				x				x		
A. O			x			x				x					x			x		
A. S		x				x				x				x				x		
A.Q.			x				x				x				x				x	
B.L.			x			x					x				x				x	
B.S.			x				x				x				x				x	
F.B.			x			x				x					x				x	
F.S.		x				x				x					x				x	
G.L.		x				x				x					x				x	
H.L.		x				x			x						x				x	
I.R.	x					x			x					x					x	
J.E.		x				x				x				x					x	
J.M.	x					x			x					x					x	
J.S.			x				x			x					x				x	
L.B.			x				x				x				x				x	
M.C.	x					x				x				x					x	

M.G			x				x				x				x				x	
R. S		x					x				x				x				x	
S.F.			x				x				x				x				x	
S.L.		x					x				x				x				x	
S.R.			x				x				x				x				x	
T.A.			x				x				x				x				x	

N NÃO

D COM DIFICULDADE

S SIM

NO NÃO FOI OBSERVADO

Anexo C. Avaliação diagnóstica de Matemática

Área: Matemática																				
Alunos	Realiza situações problemáticas				Ler e escrever números				Memorizar as tabuadas do 2,3,4,5, e 6				Algoritmo da adição				Algoritmo da subtração			
	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO
A.C.		x					x			x				x				x		
A. O		x					x			x				x				x		
A. S		x					x			x				x				x		
A.Q.			x				x				x				x				x	
B.L.			x				x				x				x				x	
B.S.			x			x					x				x				x	
F.B.		x					x				x				x				x	
F.S.			x			x					x				x				x	
G.L.		x				x					x				x				x	
H.L.		x				x					x				x				x	
I.R.		x				x					x			x					x	
J.E.		x				x					x			x					x	
J.M.		x					x				x			x					x	
J.S.			x				x					x			x				x	
L.B.			x				x					x			x				x	
M.C.			x				x				x				x				x	
M.G			x				x					x			x				x	

R. S		x					x			x					x			x		
S.F.			x				x				x				x			x		
S.L.		x					x			x					x			x		
S.R.			x				x				x				x			x		
T.A.			x				x				x				x			x		

N NÃO

D COM DIFICULDADE

S SIM

NO NÃO FOI OBSERVADO

Anexo D. Avaliação diagnóstica de Estudo do Meio

Área: Estudo do Meio																				
Alunos	Identifica os animais domésticos e selvagens				Reconhece datas e acontecimentos				Identifica as partes do corpo				Aplica normas da higiene do corpo				Identifica característica dos animais			
	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO	N	D	S	NO
A.C.			x				x				x				x			x		
A. O			x				x				x				x			x		
A. S			x			x					x				x			x		
A.Q.			x				x				x				x				x	
B.L.			x				x				x				x				x	
B.S.			x				x				x				x				x	
F.B.			x				x				x				x				x	
F.S.			x				x				x				x				x	
G.L.			x				x				x				x				x	
H.L.			x				x				x				x				x	
I.R.			x			x					x				x			x		
J.E.			x				x				x				x				x	
J.M.		x				x					x				x			x		
J.S.			x				x				x				x				x	
L.B.			x				x				x				x				x	
M.C.			x				x				x			x					x	
M.G			x				x				x				x				x	

R. S			x				x				x				x				x	
S.F.			x			x					x				x				x	
S.L.		x					x				x				x			x		
S.R.			x				x				x				x				x	
T.A.			x				x				x				x				x	

N NÃO

D COM DIFICULDADE

S SIM

NO NÃO FOI OBSERVADO

Anexo E. Jogo do bingo da multiplicação



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____



BINGO

Ronda 1

2x3	4x5	2x2	5x2	5x6
3x3	10x2	3x7	2x9	2x7
4x3	2x8	8x3	10x3	3x9
5x10	4x8	5x5	6x6	1x8



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____



BINGO

Ronda 1

3x3	3x10	2x4	4x5	5x9
4x7	2x8	3x7	6x1	2x7
5x2	5x3	3x8	3x9	7x5
4x3	6x3	4x10	5x1	6x9



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____



BINGO

Ronda 2

6x12	2x5	6x9	5x8	2x25
2x12	4x4	3x5	4x10	3x6
10x6	6x8	7x10	3x30	5x9
4x8	5x7	2x4	4x7	4x1



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____



BINGO

Ronda 2

2x40	6x2	5x1	4x3	3x7
3x3	2x60	6x2	5x3	4x8
4x5	3x20	7x1	3x25	2x6
5x7	4x4	2x10	2x80	5x8



Nome: _____
 Data: _____
 Nº ____ Ano ____



BINGO

Ronda 3

3x40	6x1	5x6	4x25	3x3
4x8	5x40	6x1	2x12	5x2
2x44	3x50	5x10	3x25	6x2
6x4	4x5	3x60	6x9	3x30



Nome: _____
 Data: _____
 Nº ____ Ano ____



BINGO

Ronda 3

4x1	3x15	4x20	10x10	2x100
1x70	5x4	3x60	4x8	2x90
2x35	6x3	4x5	3x6	6x10
3x25	6x9	2x5	2x80	2x75



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____



BINGO

Ronda 4

4x4	4x45	4x10	10x10	4x3
5x6	5x9	6x3	3x48	3x8
2x45	2x1	3x60	6x1	5x10
6x8	3x30	3x6	2x9	6x1



Nome: _____
Data: _____
Nº _____ Ano _____




BINGO

Ronda 4

2x55	2x18	4x4	4x20	4x7
3x2	3x20	2x16	5x2	6x2
2x10	3x60	3x25	2x48	3x3
5x20	5x3	2x36	3x21	2x43

Anexo F. Cartaz Informativo

	Nome: _____
	Data: _____
	Nº _____



Introdução: indicar o nome do animal, identificar o seu habitat;

Desenvolvimento: o que se alimenta, como se desloca; número de crias, duração da gestação

Conclusão: curiosidade do animal

Vaca Antes de ser mãe a vaca, é chamada de novilha Pastos

Mamíferos Filhos das vacas são os bezerros Têm dois dedos em cada pata

Ruminante Herbívoro Pesam 900 kg Passam 6 horas do dia a comer

Tempo de vida é de 10 a 15 anos Macho da vaca é o boi Produzem leite Vivípara

Anexo G. Propriedades dos materiais



VAMOS DESCOBRIR ...

1. Assinala com um X as propriedades indicadas. Antes de teres os materiais na tua mesa, vais **prever** quais são as propriedades dos materiais apresentados.

ATENÇÃO: Os materiais podem ter mais do que uma propriedade.

O que eu penso que acontece...

Materiais / Propriedades	Sal	Caixa ou Saco de Plástico	Lápis	Borracha	Açúcar	Prego	Azeite	Frascos de vidro	Esponja
Flexibilidade									
Solubilidade em Água									
Dureza									
Transparência									

O que realmente acontece...

2. Agora já tens contigo os materiais. Experimenta e toca nos materiais e completa a tabela com um X.

Materiais / Propriedades	Sal	Saco de Plástico	Lápis	Borracha	Açúcar	Prego	Azeite	Frascos de vidro	Esponja
Flexibilidade									
Solubilidade em Água									
Dureza									
Transparência									

3. Quais foram as diferenças da primeira e da segunda tabela?

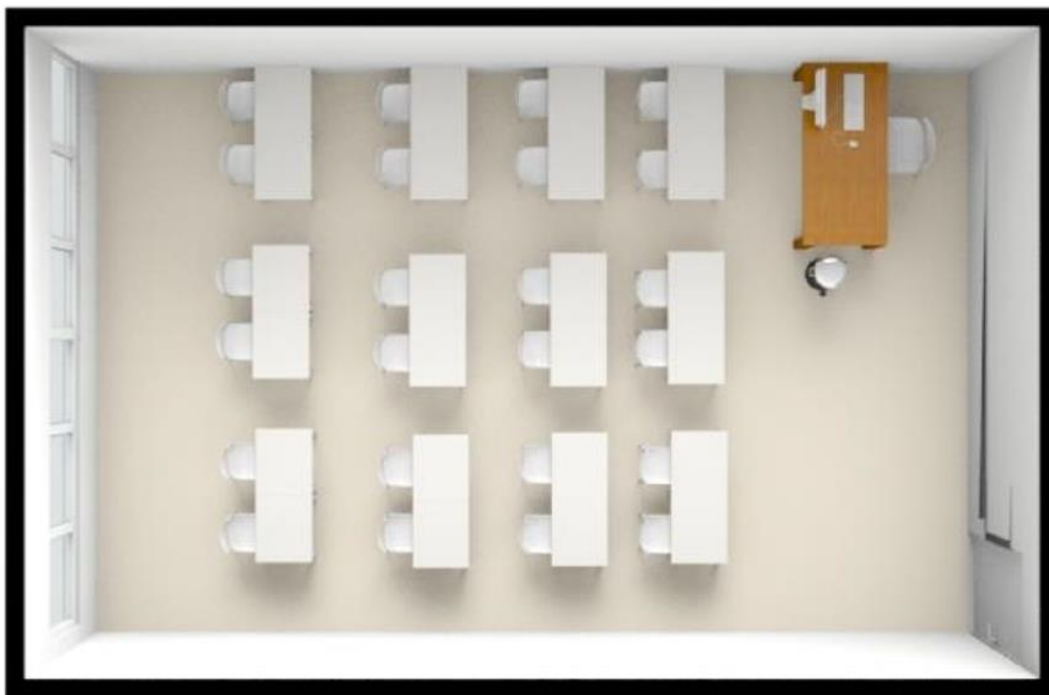
4. Indica outra substância que se dissolva na água. _____.

5. De que material são feitos os lápis? _____.

REGRAS

1. Respeitar a vez dos colegas para falar;
2. Colocar o dedo no ar;
3. Não se levantar sem autorização;
4. Falar apenas quando o professor der a autorização;
5. Levar o material necessário para as aulas;
6. Não podem entrar no pavilhão nos intervalos;
7. Não correr nos pavilhões;
8. Sair da escola quando as aulas terminarem;

Anexo I. Planta da sala 2.º CEB



Anexo J. Tabela de comportamento da turma A do 2.ºCEB

TURMA A – COMPORTAMENTO DE JANEIRO/FEVEREIRO															
NOMES	30	1	2	6	8	9	15	16	20	22	23	27	23	26	27
B.	3	3	3	4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	4	5
B.	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4
B.	3	2	2	2	3	3	3	3	4	3	4	4	4	3	4
C.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
D.	3	3	3	3	3	2	2	2	3	3	3	2	3	2	3
D.	2	2	2	2	3	3	4	3	4	2	2	2	3	2	3
E.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
É.	3	3	2	2	2	2	2	3	3	3	3	3	2	2	2
I.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
J.	3	3	3	3	3	4	4	4	4	5	4	3	2	3	4
K.	4	4	3	3	3	3	4	3	4	4	5	5	4	3	3
L.	3	3	3	4	4	4	4	3	4	3	4	3	3	3	3
L.	4	4	4	4	4	4	3	3	3	3	3	2	2	3	2
L.	3	3	3	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	3	4
L.	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	3	4	4	3	3
L.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
L.	3	3	3	3	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3
L.	4	4	4	4	5	5	5	5	5	3	4	3	4	3	4

M.	3	3	3	2	2	2	2	3	3	2	3	2	3	4	3
N.	2	2	2	2	3	4	3	4	3	4	4	3	4	3	4
R.	3	3	3	4	3	4	4	4	4	3	3	3	3	4	3
T.	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3
T.	3	3	3	3	3	4	4	4	4	3	3	2	3	2	3
W.	2	2	2	2	2	3	3	2	2	2	3	3	2	3	3

TURMA A – COMPORTAMENTO DE FEVEREIRO/MARÇO

NOMES	28	1	2	5	6	7	8	9							
B.	5	5	4	5	4	4	4	5							
B.	4	4	4	4	4	4	4	4							
B.	3	3	4	3	4	4	4	4							
C.	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----							
D.	3	3	3	3	3	3	3	3							
D.	3	3	3	2	2	2	-----	-----							
E.	3	3	3	3	4	3	4	4							
É.	3	4	3	3	3	3	3	3							
I.	4	4	4	4	4	4	4	4							
J.	4	5	5	5	5	5	5	4							
K.	3	3	4	3	4	4	4	4							
L.	3	3	3	3	3	3	3	3							
L.	4	4	4	4	4	4	4	4							
L.	4	3	3	3	3	4	4	4							
L.	4	4	4	4	4	4	4	4							
L.	3	3	3	4	4	4	4	4							
L.	3	3	4	4	4	4	3	4							
L.	4	4	4	4	4	4	4	5							
M.	5	5	5	5	5	5	5	5							

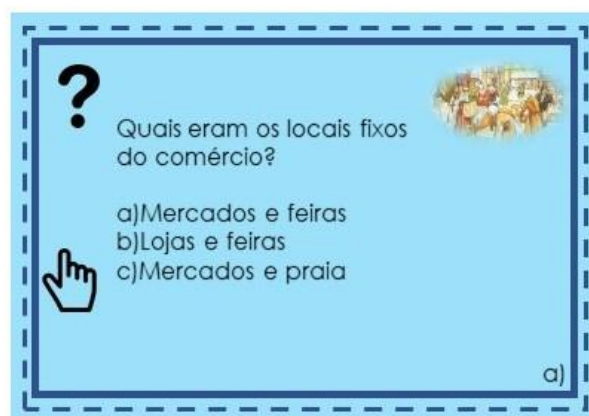
N.	4	4	4	4	3	3	4	4							
R.	4	4	4	4	4	5	5	5							
T.	3	3	3	3	3	3	3	3							
T.	4	4	4	4	4	3	4	4							
W.	2	2	2	2	2	3	3	3							

Anexo K. Tabela de comportamento da turma A do 2.ºCEB

TURMA B – COMPORTAMENTO DE JANEIRO/FEVEREIRO																
NOMES	29	30	31	2	5	6	7	9	16	19	20	21	23	26	27	28
A.	3	4	4	4	4	5	4	5	4	5	4	5	5	5	5	5
C.	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	4	4
C.	4	4	4	4	5	3	4	3	5	4	5	5	5	4	3	4
D.	2	3	3	3	3	4	2	2	3	3	4	3	2	2	2	4
É.	3	3	4	3	4	3	3	3	4	3	4	3	4	4	4	4
É.	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	4	5	5	5
G.	2	3	3	2	3	3	3	2	3	2	2	2	2	3	2	3
G.	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
J.	4	4	3	5	4	3	3	3	3	4	4	5	4	4	3	4
L.	3	3	3	4	4	4	4	4	3	3	4	3	3	3	4	4
L.	3	3	4	4	3	3	3	3	3	3	4	4	3	2	3	3
M.	4	3	4	5	3	3	3	4	3	3	3	3	4	4	3	4
M.	2	3	3	3	2	2	2	3	3	3	2	3	2	4	-----	-----
M.	2	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3
M.	3	3	3	3	3	3	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4
P.	4	5	5	5	5	5	5	4	4	4	5	5	5	5	5	5
R.	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
R.	3	4	4	4	4	4	4	3	3	3	3	4	3	4	3	4
R.	3	3	4	3	3	3	3	2	3	3	3	3	4	4	4	4
S.	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	3	3
N.	2	3	2	2	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	3	3

TURMA B – COMPORTAMENTO DE JANEIRO/FEVEREIRO															
NOMES	30	1	2	6	8	9	15	16	20	22	23	27	23	26	27
B.	3	3	3	4	4	4	4	5	4	4	4	5	4	4	5
B.	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4
B.	3	2	2	2	3	3	3	3	4	3	4	4	4	3	4
C.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
D.	3	3	3	3	3	2	2	2	3	3	3	2	3	2	3
D.	2	2	2	2	3	3	4	3	4	2	2	2	3	2	3
E.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
É.	3	3	2	2	2	2	2	3	3	3	3	3	2	2	2
I.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
J.	3	3	3	3	3	4	4	4	4	5	4	3	2	3	4
K.	4	4	3	3	3	3	4	3	4	4	5	5	4	3	3
L.	3	3	3	4	4	4	4	3	4	3	4	3	3	3	3
L.	4	4	4	4	4	4	3	3	3	3	3	2	2	3	2
L.	3	3	3	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	3	4
L.	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	3	4	4	3	3
L.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
L.	3	3	3	3	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3
L.	4	4	4	4	5	5	5	5	5	3	4	3	4	3	4
M.	3	3	3	2	2	2	2	3	3	2	3	2	3	4	3
N.	2	2	2	2	3	4	3	4	3	4	4	3	4	3	4
R.	3	3	3	4	3	4	4	4	4	3	3	3	3	4	3
T.	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3
T.	3	3	3	3	3	4	4	4	4	3	3	2	3	2	3
W.	2	2	2	2	2	3	3	2	2	2	3	3	2	3	3

Anexo L. Atividade didática “Quem sabe mais de atividades económicas”





Quais eram os locais fixos do comércio?



- a) Mercados e feiras
- b) Lojas e feiras
- c) Mercados e praia

a)



“Os almocreves eram pequenos comerciantes que transportavam de terra em terra e de feira em feira as suas mercadorias.”



- a) Verdadeiro
- b) Falso

a)



D. Afonso III e D. Dinis criaram quantas feiras no reino?



- a) 40
- b) 42
- c) 59

c)



Qual o local onde os vendedores não pagavam impostos?



- a) Feiras medievais
- b) Feiras francas
- c) Feiras anuais

b)



Quais os instrumentos utilizados na pesca?



- a) Linhas anzóis e sacos
- b) Redes, linhas anzóis e armadilhas
- c) Linhas anzóis e bomba de oxigénio

b)



"Pesca costeira" significa afastado da costa.



- a) Verdadeiro
- b) Falso

b)



Onde era realizada a pesca marítima?



- a) Próximo da costa
- b) Afastado da costa



a)



Como eram os barcos da pesca?



- a) Pequenos e resistentes
- b) Grandes e resistentes
- c) Pequenos e frágeis



c)



A salicultura é muito importante para...



- a) Alimentação e conserva dos peixes
- b) Pescar peixes
- c) Assar os peixes



a)



"Os produtos artesanais eram trabalhos à mão."

- a) Verdadeiro
- b) Falso



a)



Que matérias-primas eram oferecidas diretamente pela Natureza?

- a) Barro, mel, pedra
- b) Barro, cera, pedra, madeira e cortiça
- c) Barro e pedra



b)



Onde trabalhavam os artesãos?

- a) Tendas ou lojas
- b) Mercados
- c) Feiras



a)



O que eram artesãos?

- a) Trabalhadores especializados num só ofício
- b) Trabalhadores especializados em vários ofícios



a)



"Sapateiro" é um ofício.

- a) Verdadeiro
- b) Falso



a)



A agricultura é a principal atividade económica do século XIII e XIV.



- a) Verdade
- b) Falso

a)



Na agricultura produzia-se:



- a) Cereais, vinho e azeite
- b) Cereais, vinho, azeite, legumes, fruta e linho
- c) Cereais, vinho, azeite e manteiga



b)



O linho era utilizado para:



- a) Vestuário, redes de pesca e velas para as embarcações
- b) Vestuário, redes de pesca
- c) Vestuário



a)



Que animais forneciam lã, leite e carne?



- A. Ovelhas e cabras
- B. Ovelhas e vacas
- C. Ovelhas e cavalos

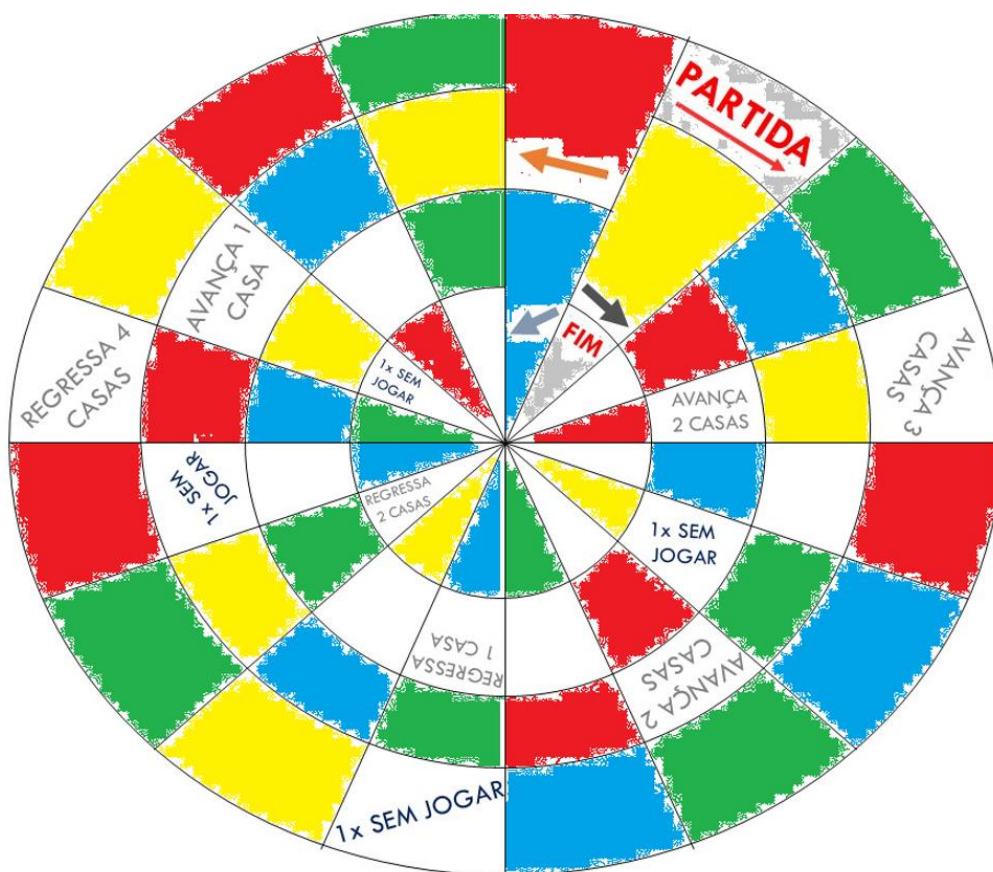


a)

? A criação de gado e a pastorícia tinham pouca importância na economia. 

☞ A. Verdade
B. Falso

b)



Anexo M. Guião de entrevista aos alunos

Blocos temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Escola	Identificar os interesses dos alunos na escola e as suas motivações	-O que é a escola? -Para que serve a escola? -O que vos faz vir à escola? -O que vos interessa mais? -O que têm menos interesse? -Qual é a vossa motivação para vir à escola?
Fora da escola	Identificar as atividades realizadas fora da escola	- Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que é que costumam fazer?
Recreio	Identificar as brincadeiras realizadas no intervalo e as atitudes realizadas perante as contínuas	-Que brincadeiras fazes no intervalo? -O que fazes para respeitar as contínuas?
Sala de aula	Definir a forma de estar numa sala de aula, os limites da falta de respeito entre os professores e os alunos. Distinguir o respeito entre os professores e o diretor de turma	-Como se deve estar na sala de aula? -O que é o respeito dentro da sala de aula? -Quando começa a ser falta de respeito? - Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito? -Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma? -Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue? -O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

Anexo N. Guião de entrevista aos professores cooperantes

Blocos temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Conceções da indisciplina	Definir Indisciplina	O que é a indisciplina na sala de aula?
Causas da indisciplina	Apresentar as razões da indisciplina nos alunos	Quais são as principais atitudes e comportamento dos alunos que considera indisciplina? Na sua opinião, a indisciplina está relacionada com que fatores?
Clima social em sala de aula	Distinguir o comportamento dos alunos consoante as atividades Apresentar as regras estabelecidas na sala de aula	Quando realiza atividades diferentes “do normal” a indisciplina mantém-se? O que é que difere? A indisciplina dos alunos, desmotiva na preparação das aulas? Como? Quais são os limites que estabelece com os alunos na sala de aula? A indisciplina acontece em todas as aulas?
Atitudes e comportamentos na gestão da indisciplina	Conhecer as estratégias e as dificuldades sentidas pela professora na gestão da indisciplina em sala de aula.	Como lida com a indisciplina dos alunos?

Anexo O. Transcrição das entrevistas dos alunos

1ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – é fixe!

R2 - Para mim a escola é uma profissão que vai dar umas profissões ainda melhores!

R3 – a escola é uma coisa para aprendermos, para estudarmos, para termos aprendizagens, sermos inteligentes!

Para que é que serve a escola?

R1 – Se não fosse a escola a maioria das profissões não existia.

Mais alguém quer dizer alguma coisa?

R1 – Para ajudar a ter uma boa profissão, para aprendermos umas coisas e se calhar irmos para a faculdade...

O que é que vos faz vir à escola? Porque é que vêm à escola?

R1 - Para estar com os meus amigos, para aprender coisas novas.

R2 - Eu, quando crescer, se calhar a minha mãe é capaz de[poderá] estar muito velha e não puder [conseguir] trabalhar, quero retribuir, quando até [quando] era pequenino ela me ajudou [ajudou-me].

O que é que tem menos interesse na escola?

R1 - As brigas, quando nos metemos em confusões, dá mau resultado, tipo, principalmente eu e o meu amigo, no primeiro período lutávamos muito e agora no segundo e terceiro somos muito amigos.

R2 - O que menos gostamos na escola? A sala dos AA's, para onde vamos quando vamos para a rua.

R1 - Outra coisa, outra coisa! O que nos interessamos menos na escola mais é: o bullying, que nos fazem.

Quem é vos faz bullying?

R2 - Os mais velhos...

R3 - Mas tu também fazes aos mais novos.

R2 - É brincadeira de criança.

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que costumam fazer?

R1 - Fico a jogar.

R2 – És um viciado...

R1 - Às vezes vou para rua.

R2 - Viciado...

E vocês estudam?

R1 - Eu? Eu? Eu não estudo. Eu só estudo sábado, mais nada.

E os outros estudam?

R2 – Sim, eu estudo.

R3 - Nos meus tempos livres eu faço as tarefas de casa, às vezes, jogo, vou brincar e...mais nada.

E tu, L.?

R3 – Eu? Eu quando vou para casa, lancho, vou para a rua e vou brincar. Depois, vou chamando os nossos amigos para irmos jogar à bola.

E que brincadeiras fazem no intervalo?

R1 – Caixote do lixo! (Risos)

É bater nos outros??

R1 – É brincar! É bater só com um dedo, assim (exemplifica na professora), tipo cócegas.

Respeitam as auxiliares?

R1 – Ah, ya!

R10 – Não...

Porque é que não respeitas?

R1 – Porque às vezes as auxiliares e o Sr. Vítor inventam coisas.

Inventa o quê?

R1 – Que eu cheguei atrasado. Ele vai dizer à professora que eu tive na escola de manhã e não fui logo para as aulas.

Mas tu foste às aulas?

R1 – Sim..., mas eu vou sempre.

Isso é verdade! Muitas vezes não vais às aulas.

R1 – Às vezes. Mas naquele dia, na outra terça-feira [às terças-feiras] temos moral, cheguei atrasado e ele me viu, mas eu fui marcar os almoços e estava lá muita gente...

Ah!

R2 – E posso dizer uma coisa?

Sim.

R2 – Eu raspei [raspo] nas contínuas, mas às vezes, não é? Há meninos que estão na fila do bar, eles são grandes e assim, eles passam, eles passam, o Sr. Vítor não faz nada..., mas quando somos nós a passar, ele faz...o quê dama?

Como é que se deve estar numa sala de aula?

R1 – Educado.

Educado?

R1 – Como estar bem, ver com atenção...não mastigar, não dizer assim: Tás [estás] a compreender aquela coisa tal?

A portarem-se bem, é isso?

R1 – Ya!

R2 – Educação...

E o que é que é o respeito dentro da sala de aula, para vocês?

R1 – O respeito é...não responder aos professores, não falar quando os professores dizem que é para calar...

R2 – Respeitar os outros!

R3 – Deixar os professores falar, deixar os alunos falar e falar só na sua vez.

R4 –Se não respeitarmos, isso é dizer que é falta de educação.

Quando é que começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando falamos mal com os nossos colegas.

R2 – Quando não deixo o professor falar.

R3 – Quando o professor nos dá carolos.

Tens respeito pelas estagiárias sendo novas na turma?

R1- Sim tenho, mas falo nas aulas.

R2- Às vezes...

R3-Não muito.

Sentem que os vossos professores vos respeitam?

R1 – Nem sempre! Mas às vezes nós também desrespeitamos...

R2 – Menos a professora de matemática.

R1 - Os professores podem-nos mandar para a sala dos A's. Mas às vezes o professor Y bate-nos.

Não bate, faz carolos.

R1 – Não. O professor naquele dia deu-me uma chapada na cara!

O que é que seria o professor faltar-vos ao respeito? É bater-vos?

R2 – Sim, é bater. Porque o professor Y é só barriga de vinho e ele está muito mal.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – Para mim é diretor de turma.

R2 – Não, para mim é o professor de história. É os dois, porque a professora, a DT já fala mal connosco.

Porque é que acham que a Diretora de Turma fala assim convosco?

R1 – Porque nós estamos a comportar mal, mas ela não devia falar mal assim.

Mas vocês deviam-se portar melhor...

R1 – E desprezar as pessoas. E tipo, eu prefiro o nosso DT ao professor Y.

R2 – Eu prefiro o professor Y ao nosso DT.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Sim, vamos ter muito respeito e esse professor.

Se gostarem desse professor?

R1 – Sim.

E se não gostarem? Não vão ter respeito?

R1 – Vamos de qualquer forma, para não irmos suspensos.

2ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – É o sítio para aprender.

R2 – Uma escola é uma escola.

R3 – É um sítio para se estudar.

R4 – Para aprender, fazer amigos, para brincar.

Para que é que serve a escola?

R1 – Para termos futuro na vida.

R2 – Para aprender.

R3 – Para termos condições melhores quando formos mais velhos.

R4 – Para irmos para a faculdade.

R5 – Para aprendermos a lidar.

R6 – Para tirarmos cursos.

R7 – Para ter trabalho.

O que é que vos faz vir à escola?

R1 – Divertir-me!

R2 – Eu gosto de ir brincar!

R3 – Os amigos...

R4 – Os amigos...

R5 – Os amigos...

R6 – A minha mãe obriga-me!

O que é que vos interessa mais na escola?

R1 – Brincar!

R2 – Aprender.

R3 – Aprender, professora.

R4 – Estudar.

R5 – Aprender e brincar!

R6 – Brincar...

O que é que tem menos interesse na escola?

R1 – A comida!

R2 – A comida, professora.

E qual é que é a vossa motivação para vir à escola?

R1 – É ir brincar com o Pedro, professora!

O que é que vos faz vir à escola?

R1 – Porque às vezes não temos aulas...

R2 – Porque podemos ir brincar no recreio!

R3 – Eu gosto de brincar e estar nas aulas!

R4 – Porque eu gostava de ir para a faculdade quando fosse maior [mais velho] e então...

R5 – Eu também...

R6 – E para ter emprego...

R7 – Quando eu for futebolista vou ser muito rico!

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola?

R1 – Faço ginástica!

R2 – Natação e patinagem!

R3 – Eu jogo futebol!

R4 – Eu jogo futebol!

E que brincadeiras fazem no intervalo?

R1 – Ando com as minhas amigas a falar!

R2 – Nós fazemos filmes!

R3 – Eu jogo à bola.

R4 – Inventamos brincadeiras!

R5 – Inventamos brincadeiras!

R6 – Jogamos ao pisa pisa pé!

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1 – Eu digo “bom dia”.

R2 – Eu não sei se respeito...

E quando a auxiliar pede para fazerem alguma coisa fazem?

R1 – Depende!

R2 – Se ela disser assim “tu vais para onde?” eu digo assim “você não tem nada haver com isso!”

R3 – Eu ajudo, eu ajudo.

R4 – Eu ajudo as auxiliares às vezes.

Como se deve estar na sala de aula?

R1 – Bem-comportado para aprender.

R2 – Em silêncio.

R3 – Em silêncio.

R4 – Estar atento.

R5 – Respeitar as pessoas.

R6 – Não estar desconcentrado.

R7 – A falar... ah não, não podemos estar a falar.

O que é que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 – Estar em silêncio.

R2 – É uma pessoa a ouvir as pessoas.

R3 – Nós respeitarmos uma professora, porque ela é adulta.

R5 – É estar em silêncio.

R6 – Estarmos calado, sentados e quietos.

R7 - Comportarmo-nos muito bem.

Quando é que começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando estamos a gozar com um aluno ou quando estamos a comportar mal.

R2 – Quando não respeitamos a professora.

R3 – A partir do momento em que começamos a desobedecer.

R4 – E quando estamos a falar.

Sentes que os teus professores te respeitam?

R1 – Sim.

R2 – Sim.

R3- Sim.

O que é que seria um professor faltar-vos ao respeito?

R1 – Era mandar-nos para a a rua sem nós fazermos nada.

R2 – Gritar connosco sem fazer nada, sem saber o que passou.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Sim.

R2 – Sim.

R3 – Nem há dúvida, professora!

R4- Sim.

R5- Não.

Têm mais respeito pelo professor de matemática ou pela diretora de turma?

R1 – Diretora de turma.

Ou é igual?

R1 – É igual.

R2 – É igual.

R3 – É igual.

R4 – É igual.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Influencia.

R2 – Influencia.

R3 – Não.

R4 – Não.

R5- Não.

Porquê?

R1 – Tinha que me portar bem e tinha que ir fazer queixa na diretora de turma para ver o que é que se passava...se ele não fosse simpático comigo, professora.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – Sim é igual.

R2 – Sim.

E porquê?

R1 – Porque são os dois adultos e temos de os respeitar.

R2 – São as mesmas pessoas.

3ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – A escola é onde se aprende, brinca-se e estuda-se para nós termos um futuro bom.

R2 – É também para nos divertirmos, para aprendermos mais do que já sabemos.

R3 – Para mim a escola é aprender, conhecer amigos, professores, para dar alegria aos nossos pais e [ter] um bom futuro!

Para que serve a escola?

R1 – Para aprender, para ter novas amizades e para ter um futuro bom.

R2 – Para conhecer pessoas e conhecer muitos professores.

R3 – A escola serve para aprender, estudar, ter um futuro bom, não parares a viver no lixo, se não estudares, e/ou para algumas pessoas é uma prisão.

O que vos faz vir à escola?

R1 – O que me faz vir à escola é o facto de querer ter aulas e estar com os professores que são simpáticos.

R2 – Para mim a escola...eu venho à escola porque quero aprender, porque eu quero ter uma carreira no basquete ou no futebol, ainda não sei bem, portanto tenho de vir à escola para aprender tudo isso.

R3 – Eu venho à escola porque não tenho opção e eu também gosto de vir e é bom.

O que é que vos interessa mais na escola?

R1 – Para mim é estudar.

R2 – Estudar para ser um bom aluno e para ter uma boa carreira.

O que é que têm menos interesse na escola?

R1 – Ir à casa de banho pública, a dos rapazes está sempre suja.

R2 – Não suporto os outros a fazerem bullying aos outros.

R3 – Nada.

R4 – Não haver dinheiro para canetas, não se vê quase nada no quadro.

O que é que vocês têm menos interesse? O que é que gostam menos?

R1 – Da escola não ter quase dinheiro.

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que é que costumam fazer?

R1 – Eu costumo jogar basquete, sair com os meus amigos, principalmente brincar!

R2 – Divertir-me!

R3 – Divertir e estudar!

R4 – Jogar.

R5 – Eu costumo comer ao almoço, ao jantar...também eu vou à natação.

Que brincadeiras fazem no intervalo?

R1 – Como já disse, só jogo basquete.

R2 – Eu jogo basquete com ele.

R3 – Eu ando pela escola e faço outras coisas.

R4 – Eu não sei responder, faço muitas coisas.

R5 – Eu faço sempre brincadeiras civilizadas.

O que fazes para respeitar as contínuas? Respeitam as contínuas?

R1 – O que é que é as contínuas?

Auxiliares.

R1 – Não dizer asneiras.

R2- Respeitar.

R3- Não correr dentro do pavilhão.

E costumam respeitar?

R1 – Sim.

R2 – Sim.

R3 – Não

R4 – Não.

Como é que se deve estar numa sala de aula?

R1 – Sem capuz, sem ouvir música e sem falar e ouvir a professora para aprender mais.

R2 – Respeitar os colegas, falar sempre que a professora mandar, pôr o dedo no ar e estar calado.

R3 – Respeitar os professores, todos que estão na sala e não ter o capuz [e] não desobedecer.

R4 – Manter a postura sempre correta, respeitar os professores e respeitar os colegas e estar sempre atento à aula.

R5 – Respeitar os professores, [os] colegas, não bater, não gozar com eles e também, para mim, eu penso que às vezes aquilo é um palco aberto...

O que é que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 – O respeito é nós termos um comportamento civilizado e respeitar todas as pessoas, tipo ter atenção e não gozar com as pessoas.

R2 – Para mim é respeitar os professores, respeitar os colegas, respeitar toda a gente aqui na escola.

R3 – É, quando uma professora está a falar, não devemos fazer barulho, não [nos] devemos [nos] levantar sem autorização.

Quando é que começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando começamos a falar e quando a professora chama a atenção, não nos calarmos.

R2 – Quando estamos a falar e a professora diz para calarmos e nós não [nos] calamos [e] não ter respeito pelos outros colegas.

R3 – Quando a professora está a explicar uma aula e depois dois alunos começam a falar baixinho e começam-se a provocar e levantam-se e começam-se a bater.

R4 – Quando o professor começa a ficar com os olhos assim zangados e com olheiras é melhor parar, se não parar vai correr mal.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria os professores faltarem-te ao respeito?

R1 – Seria uma falta de educação porque os professores têm que dar educação aos miúdos e ensinar.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Sim.

R2 – Sim, mas eu admito que às vezes me porto mal, mas tenho respeito.

R3 – Sim, eu até recebi chocolates, recebi um reбуçado.

R4 – Sim, tenho muito respeito.

R5- Não.

Têm mais respeito pelo professor ou pelo diretor de turma? Ou é o mesmo?

R1 - É o mesmo.

R2 – Para mim é o mesmo, respeito todos igual.

R3 – Para mim é o professor.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Qual professor?

Um professor qualquer.

R2 – O que é que é influenciar?

Por exemplo: se a professora x não for simpática para vocês, vocês portam-se bem?

R1 – Não.

R2- Sim.

R3- Não.

Porquê?

R1 – Porque se a professora não estiver a ser simpática, nós não nos vamos portar bem...

4ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – A escola é um sítio de aprendizagem para os professores ensinarem [ensinarem] os alunos a aprender coisas novas e para que os alunos tirem as suas dúvidas.

R2 – A escola também pode servir para quando os pais vão trabalhar nós podermos ficar aqui.

Para que serve a escola?

R1 – Para os professores ensinarem aos alunos, para quando crescerem saberem as coisas que devem.

R2 – Para ter um emprego bom.

R3 – A escola serve para aprender.

R4 – A escola é um local de aprendizagem e é um local onde nós estudamos para sermos o que nós quisermos ou até mesmo para ser uns bons alunos.

O que vos faz vir à escola?

R1 – Estudar.

R2 – Para aprender e para seguir o nosso futuro.

R3 – Para poder aprender mais coisas e para também poder saber como é que é ser... como é que é saber as coisas.

R4 – O que me faz vir à escola é seguir o meu sonho de ser um dentista.

O que vos interessa mais?

R1 – A mim interessa-me aprender a ser...a mim interessa-me aprender a saber como estudar para ter o meu trabalho e interessa-me também ter boas notas para quando tiver filhos também lhes poder ensinar.

R2 – Para aprender e para ver o que vai ser a seguir no nosso futuro.

O que têm menos interesse?

R1 – Menos interesse? Estudar?

R2 – Ter aulas de matemática

Qual é a vossa motivação para vir à escola?

R1 – Para aprender.

R2 – Estudar.

R3 – Para aprender e para estudar para os testes.

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que é que costumam fazer?

R1 – Jogar futebol.

R2 – Ficar no vício [e] jogar ao [no] telefone.

R3 – Ir buscar a minha irmã, ir para a minha avó, brincar [e] estudar.

R4 – Eu nos tempos livres levo o meu cão à rua, passeio e brinco.

R5 – Vou para a minha avó, passeio e todos os domingos, das três às quatro, eu tenho um tempo livre para estudar.

R6 – Para brincar, para andar de patins e para estudar também.

Que brincadeiras fazes no intervalo?

R1 – Fight na brincadeira.

R2 – Às escondidas, à apanhada...

R3 – Era a mesma coisa que eu ia dizer...

R4 – Às vezes vou para a biblioteca, como agora ando a [costumo] fazer, às vezes brincar [brinco] às escondidas e à apanhada e às vezes dar [dou] voltas à escola, com a minha melhor amiga.

R5 – Às escondidas, à apanhada; às vezes também [vou] à biblioteca...

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1 – O que é que é isso?

As funcionárias.

R1 – Não, não, não...às vezes.

Porque é que não respeitas?

R1 – Não sei.

R2 – Eu respeito-as, mas também as respeito porque também quero respeito por elas.

R3 – Eu respeito-as

O que é que é respeitar as funcionárias?

R1 – Fazer o que elas mandam, não portar mal...

R2 – Ouvir o que elas dizem, não comer dentro do bloco ou tirar os capuzes.

R3 – Fazer o que elas mandam porque é para nosso bem e é também respeitá-las porque elas não querem arranjar confusões entre nós e o resto das pessoas [connosco e com o resto das pessoas].

Como se deve estar na sala de aula?

R1 – Calados, a ouvir a professora, responder só com o dedo no ar, participar quando a professora mandar e também quando a professora manda fazer uma coisa nós temos que a fazer.

R2 – Estar em silêncio e respeitar os professores.

R3 – Respeitar os professores, ser [bem] comportado.

R4 – Respeitar os professores [e] ter uma boa postura na cadeira.

R5 – Respeitar os professores, fazer silêncio, não [nos virarmos] virar para trás.

O que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 – O respeito é: não virar para trás, fazer o que professor manda, ouvi-lo e estar sempre atento.

Quando começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando fala [se diz] bocas aos professores.

R2 – Não respeitar os professores.

R3 – Quando não respondo bem.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito?

R1 – Sim.

R2 – Pôr na sala dos AA's sem motivo nenhum, começar a gritar sem o aluno não fazer nada.

R3 – Gritar connosco sem razões e também ser maus para nós.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Sim.

R2 – Não.

R3 – Sim. Mas alguns têm e os outros não têm.

R4 – Não.

R5- De vez em quando porque é normal os alunos, apesar que não deveria ser, mas às vezes os alunos distraem-se e acabam por estragar as coisas às estagiárias quando elas só querem nos ensinar a fazer as coisas para o nosso bem.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – Pelo DT porque manda mais.

R2 – Devíamos respeitar todos os professores, mas eu tenho mais respeito pela DT, porque a DT é da nossa turma, ela é que nos faz praticamente quase tudo, mas há certos professores que não nos podem fazer esses privilégios que a DT tem.

E acham que, por isso, os outros merecem menos respeito que o diretor de turma?

R1, 2, 3 - Não

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1, 2, 3 – Não.

R2 – Eu não gosto das aulas de matemática, agora começo a gostar, mas quando eu não percebia nada da matéria, não gostava das aulas de matemática, mas sabia que eu conseguia aprender mais sobre isso.

5ª Entrevista

O que é a escola?

R1 - A escola é um lugar onde podemos aprender as coisas e se fizermos a escola toda podemos conseguir um bom trabalho.

R2- Para mim a escola é um sítio onde podemos aprender boas maneiras, ter conhecimentos das coisas e se tirarmos boas notas e se formos empenhados teremos um bom trabalho quando formos adultos.

R3 – A escola é o exemplo do que devemos fazer para ter um bom futuro, devemos estudar para ter boas notas. Porque o nosso futuro depende disso. Por isso temos que trabalhar.

R4 – A escola para mim é um sítio onde se pode estudar em silêncio, comunicar com as pessoas, aprender coisas onde nós [que] nunca tínhamos aprendido.

R5 – A escola para mim é um sítio onde podemos aprender várias coisas importantes, porque quando sermos [formos] mais velhos, se nós quando [nós] arranjarmos um trabalho e não soubermos ler não vamos conseguir saber as coisas por isso é que a escola é importante.

Para que serve a escola?

R1 – A escola serve para [nos] ajudar-nos a perceber as coisas, ajudar-nos no modo de estar e também, ajudar a saber mais sobre a história sobre do nosso país.

R2 – A escola serve para [nos divertir] divertimo-nos, para estudarmos, sabermos coisas melhores e aprendermos mais coisas do nosso país e etc...

E o que vos faz vir à escola?

R1- O que nos faz vir à escola é querermos aprender coisas novas, estarmos com os nossos amigos, professores e estudarmos.

R2 – O que me faz vir à escola é vir trabalhar com os stores [professores] e para estudar.

O que vos interessa mais na escola?

R1 – Trabalhar.

R2- Aprender.

R3- Estudar.

Qual é a vossa motivação para vir à escola?

R1 – Para tentar ter um futuro melhor

R2 – Para podermos saber as coisas e termos uns pensamentos bons e essas coisas.

R3 - Para quando crescermos termos um futuro melhor e ensinarmos os nossos filhos o que nós aprendemos na primária.

R4 – Às vezes os nossos pais dizem-nos que não querem que nós tenhamos um trabalho como o deles, então dizem para nós estudarmos e é isso que me faz vir à escola. Para nós estudarmos, termos um futuro muito bom e ensinar aos nossos filhos quando os tivermos que eles têm que estudar para ter um futuro muito bom.

Como ocupam o vosso tempo fora da escola?

R1 – Brinco com o meu amigo, jogo futebol...

R2 – Às vezes vou para a biblioteca, leio uns livros, fico a brincar na rua com os meus colegas.

E não estudam fora da escola?

R1- Eu quando estou em casa estudo. Ocupo o meu tempo a estudar, a ler uns livros, às vezes a ver televisão e brinco com as minhas amigas.

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1 – Faço que elas pedem.

R2 – Às vezes peço desculpa se me porto mal.

Que brincadeiras é que fazem nos intervalos?

R1- Brincar às escondidas, conversamos.

R2- No recreio fico a brincar com o meu amigo o L.

R3- Brincamos à apanhada, corremos, fazemos alguns percursos.

Como se deve estar na sala de aula?

R1- Calados, em silêncio que é para ouvirmos as explicações dos professores

R2- Calados, para podermos aprender mais e fazer tudo o que o professor manda.

R3- Calados, virados para a frente, tar [estar] com a cadeira direita para não entortar a coluna e estar a ouvir o professor com muita atenção.

R4- Em silêncio.

R5 - Calados.

O que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 - Ter respeito pelos colegas e pelos professores.

R2 - Ter respeito pelos colegas e stores e também ter atenção e não só, motivação na aula.

R3 – Ouvir os professores.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito?

R1 – Seria uma coisa muito triste, porque nós não iríamos ter aula, estar sempre a resmungar.

R2- Bater em nós [Baterem-nos].

R3- Chamar nomes.

R4- Chamar uma auxiliar para nos colocar na sala dos AA's.

R5- Falar com os nossos pais sem autorização.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Eu tenho.

R2 – Eu tenho.

R3- Eu tenho respeito, mas às vezes, tenho feito umas falhazinhas e depois faço porcaria.

R4- Eu tenho.

R5- Tenho, mas às vezes falo nas aulas.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1- Para mim é o mesmo.

R2- Para mim é o mesmo.

R3 – É o mesmo.

R4 – Nós devemos ter tanto respeito pelo nosso diretor de turma como com os professores.

Não há nada que os distingue?

R1 – Não há assim muita coisa... a diretora de turma manda mais em nós.

R2 – Devemos ter o mesmo respeito, a mesma educação, a mesma coisa. A única diferença que tem é que a diretora de turma pode ter é ter um maior contacto com os alunos.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Não.

R2 – Todos os professores merecem o mesmo respeito, porque se lhe faltarmos ao respeito estamos a prejudicarmo-nos a nós e aos professores.

R3 – Não, eu respeito o professor se não gostar dele.

R4 – Pelo menos aprende-se como todos os professores.

R5 – O professor pode ter um feitio diferente, mas tem sempre a mesma função – dar aulas e trabalhar - e nós temos que ter a educação que nos deram.

R6 – Os professores são professores e nós somos os alunos e por isso temos que ter respeito.

6ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – É um sítio onde se estuda.

R2 – É um sítio para estudar.

R3 – Serve para aprender.

Para que serve a escola?

R1 – A escola serve para brincar com os amigos, para estudar [e] para aprender muita coisa.

R2 – Para estudar, para aprendermos a nossa educação e o nosso bem-estar.

R3 – Chatear as professoras.

O que vos faz vir à escola?

R1 – Chatear as professoras, gosto das professoras e venho para trabalhar.

R2 – Para o nosso futuro, bem-estar do nosso futuro e também obrigação da segurança social.

R3 – Se não fosse isso a L. não estava cá de certeza (risos).

R4 – Para mim a escola faz-me acordar cedo para vir para a escola para estudar e para fazer muita porcaria.

O que vos interessa mais na escola?

R1 – Estudar e aprender.

R2 – As matérias e a aprendizagem.

R3 – Os amigos.

O que vos interessa menos na escola?

R1 – Brincar.

R2 – Gosto de tudo.

R3 – A professora de Matemática.

Qual é a vossa motivação para virem à escola?

R1 – Porque os meus pais me mandam vir.

R2 – Vir aturar a professora de Matemática.

Como ocupam o vosso tempo fora da escola?

R1 – Costumo ir ter com a L.

R2 – Saio da escola e vou buscar o meu filho, depois estudo, fico com o bebé e às vezes fico a dormir.

R3 – A maioria do tempo fico na rua com o meu cão.

R4 – Fico na rua a brincar.

R5 – Vou buscar o meu irmão e fico na rua a brincar.

Que brincadeiras fazes no intervalo?

R1 – Nenhuma, não faço nem uma brincadeira.

R2 – Brinco com a prima do G.

R3 – Apanhada.

R4- Às escondidas.

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1 – Não ser mal-educada.

R2 – Quando falam mal comigo, eu falo mal com elas.

Como se deve estar na sala de aula?

R1 – Em silêncio, sentados e não sentar em cima da mesa. Estar sentado nas cadeiras.

R2- Em silêncio.

R3- Calarmo-nos quando o professor está a falar.

O que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 – Respeitar as professoras.

R2 – Estar em silêncio e respeitar os stores e fazer o que o stor manda e apetecer.

Quando começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando os professores começam a falar alto e falamos por cima do professor.

R2 - Falar ao mesmo tempo que o professor.

R3 – Bater nos professores ou nas auxiliares.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito?

R1 – A professora ser muito mal-educada connosco

R2 – Para a professora me respeitar ela tem que falar comigo e não fazer o que nós fazemos: falar alto, falar por cima da professora.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 - Sim.

R2 – Sim temos.

R3 – Não.

R4 – Mais ou menos.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – É a mesma coisa.

R2 – Sim, é tudo igual.

R3- Sim.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Não, mesmo que ele não goste de nós temos que nos portar bem.

R2 – Se não gostarmos do professor temos que controlar o nosso comportamento

R3 – Não.

R4 – Tento sempre portar-me bem.

7ª Entrevista

O que é a escola?

R1 – A escola é como se fosse uma casa para estudar e para aprender coisas novas.

R2 – Para estudar, para brincar, para aprendermos coisas novas e para namorar também.

Para que serve a escola?

R1 – Para mim é estudar e para ajudar os colegas que têm dúvidas e também para brincar.

R2 – Para aprender e para brincar.

O que vos faz vir à escola?

R1 – O que me faz vir à escola é a minha mãe.

R2 – Estudar.

O que vos interessa mais?

R1 – Conviver com os colegas.

R2 – Conviver com os stores.

O que têm menos interesse?

R1 – Os alunos que andam juntos a fazer grupos.

R2 – Os grupos...

Qual é a vossa motivação para vir à escola?

R1 – Para aprender a estudar.

R2 – Para passar para a faculdade.

R1- E não ser selvagem.

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que é que costumam fazer?

R1 – Eu vou para um ATL que é na Damaia. Onde eu estudo das 16h às 19h.

R2 – Eu segunda, quinta e sexta tenho treino de futebol. Terça tenho treino de basquete.

Quarta, sábado e domingo fico a estudar e às vezes vejo televisão com os meus pais.

Que brincadeiras fazes no intervalo?

R1 – Às vezes jogamos à bola, apanhada, policia-ladrão. E algumas vezes estudo.

R2- Apanhada, escondidas, futebol... mais nada.

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1 – Quando elas dizem para eu sair de um sítio eu saio.

R2 – Conviver com elas para elas terem mais confiança connosco.

Como se deve estar na sala de aula?

R1 – Numa sala de aula temos que estar quietos para ouvir a explicação que a stora [professora] dá e também devemos respeitar as professoras e as estagiárias.

R2 – Estar em silêncio e conviver com os colegas como na rua, aprender o que a stora tá [professora está] a dar e não sentar em cima das cadeiras e não pôr os pés em cima da mesa.

O que é o respeito dentro da sala de aula?

R1 – É meter a mão no ar quando precisamos de dizer uma coisa e também estar em silêncio.

R2 – É conviver com os colegas, estar em silêncio quando a professora está a explicar as coisas.

Quando começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando todos ficam a falar ao mesmo tempo e não metem a mão no ar e começam a reclamar quando a professora não tem a culpa.

R2 – Quando começamos a gritar e a reclamar com a professora.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito?

R1 – Sim

R2 – Sim

R1- Comportar-se como nós.

R2 – Bater-nos.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Não muito...

R2 – Sim.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – Pela diretora de turma porque eu convivo mais com a diretora de turma e ela de certeza que tem mais confiança comigo do que com outros professores nossos.

R2 – Tenho mais respeito pela diretora de turma porque é quem eu tenho desde o início do ano e porque tenho mais aulas por semana.

R1 – Temos que ter respeito por todos. Temos que saber conviver com todos.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Não.

R2 – Não.

8ª Entrevista

O que é a escola?

R1- A escola é fixe.

R2 – É onde nós estudamos.

R3 – A escola para mim é um sítio onde vamos aprender e onde vamos ter uma profissão para o nosso futuro.

R4 – É onde nós podemos crescer no meio de vários amigos e professores, para ter uma vida melhor.

Para que serve a escola?

R1 – Para o nosso futuro.

R2 – Para aprendermos.

R3 – Para conseguirmos um futuro melhor.

O que vos faz vir à escola?

R1 – Eu venho a escola para tar [estar] com os meus amigos, para estudar e para aprender mais.

R2 – Para conhecer coisas novas, para saber o que aconteceu no passado que nós não sabemos.

O que vos interessa mais?

R1 – Não sei...

R2 – Não sei...

R3- É a aprendizagem.

R4 – Onde podemos conhecer outras coisas.

O que têm menos interesse?

R1 – As matérias.

R2 – Das confusões que há aqui na escola, desorganização e essas coisas assim.

R3 – É que os mais velhos abusem dos pequenos.

R4- É que tem [há] muitos mais velhos e podem fazer o que quiserem aos pequenos, como bater que ninguém vai ver.

Qual é a vossa motivação para vir à escola?

R1 – A companhia [e] os estudos.

R2- Amizade.

Como é que ocupam o vosso tempo fora da escola? O que é que costumam fazer?

R1 – Brincar no parque.

R2- Jogar à bola.

R3 – Brincar [e] passear.

Que brincadeiras fazes no intervalo?

R1 – Jogar à bola.

R2 – Escondidas.

R3- Apanhada.

R4- Jogo do Mata.

O que fazes para respeitar as contínuas?

R1- Se ela nos mandar, porque há uma nova regra da escola que quando não temos aulas temos que sair da escola e quando nos mandam sair as crianças fogem das contínuas. E eu costumo sair da escola quando mandam.

R2 – Sair dos sítios que elas pedirem.

Como se deve estar na sala de aula?

R1 – Estar em silêncio [e] ouvir a professora.

R2 – Estar atento.

R3- Respeitar a vez dos colegas.

O que é o respeito dentro da sala de aula?

R1- Quando o professor tiver [estiver] a falar nós não falarmos por cima dos professores.

R2 – É [São] os professores, temos que respeitar quando estão a falar.

R3- Não falar ao mesmo tempo que os professores.

Quando começa a ser falta de respeito?

R1 – Quando a professora diz uma coisa e nós não ouvimos e quando a professora começa a gritar...

Mas porque é que a professora vos diz alguma coisa e continuam a fazer o mesmo?

R1- Porque somos mal-educados.

Sentes que os teus professores te respeitam? O que é que seria faltar-te ao respeito?

R1 – Sim. Falar muito alto, é desagradável.

R2 – Pegar no nosso ponto mais fraco.

R3 – Gritarem connosco.

Tens respeito pelas estagiárias, sendo novas na turma?

R1 – Sim.

R2- Mais ou menos, porque ficamos a falar na sala, levantamo-nos sem pedir autorização.

R3 – Tenho muito.

R4 – Eu também.

Tens mais respeito pelo professor ou diretor? Ou é o mesmo? O que é que os distingue?

R1 – É igual.

R2 – Não, porque à professora de Matemática temos mais respeito porque ela ameaça quando fazemos barulho temos falta disciplinar.

R3 – A turma toda tem mais respeito pela professora de Matemática porque ela é mais rigorosa e não brinca com ninguém.

O que tu sentes pelo professor influencia o teu comportamento na sala de aula?

R1 – Sim, porque quando não gostamos de um professor não gostamos de ouvir as regras que ele diz, de respeitar as coisas que ele faz.

R2 – Não.

R3 – Não, tento portar-me sempre bem.

Anexo P. Transcrição das entrevistas dos professores cooperantes

Professor da Turma A

O que é a indisciplina na sala de aula?

A fuga ao predefinido através do Regulamento Interno de Escola, cujos pressupostos visam um bom ambiente de trabalho.

Quais são as principais atitudes e comportamento dos alunos que considera indisciplina?

O Desrespeito pelas ordens/instruções do professor; atitudes que dificultam o normal funcionamento das aulas.

Quais são os limites que estabelece com os alunos na sala de aula?

Aqueles que estão previstos no Regulamento Interno da Escola.

A indisciplina acontece em todas as aulas?

Felizmente não!

Quando realiza atividades diferentes “do normal” a indisciplina mantém-se? O que é que difere?

Infelizmente há alunos que boicotam sistematicamente as aulas que se dê uma aula “tradicional” ou se recorra a outras atividades.

Como lida com a indisciplina dos alunos?

Através dos mecanismos ao meu dispor – envio para a sala de atendimento a alunos e informação posterior ao D. Turma, no sentido de chamar o E. Ed. À escola, caso o aluno reincida no mau comportamento.

Na sua opinião, a indisciplina está relacionada com que fatores?

Vários: falta de acompanhamento familiar, famílias destruídas, falta de cumprimento de regras básicas no 1º ciclo.

A indisciplina dos alunos, desmotiva a preparação das aulas? Como?

Obviamente, uma vez que a matéria que é lecionada, só será apreendida por um conjunto restrito de alunos.

Sente que a indisciplina o desmotiva a ser professor?

Naturalmente o estado de espírito e de disponibilidade para a atividade da leção sai deveras prejudicado e provoca sentimentos de impotência e frustração.

Professor da Turma B

O que é a indisciplina na sala de aula?

Considero que a indisciplina na sala de aula são comportamentos que depois de ser pedida a revisão desse comportamento, permanecem. Ou seja, ou é um comportamento depois de ser exigida uma primeira vez e recomenda a sua paragem é repetidamente conscientemente pelos alunos.

Quais são as principais atitudes e comportamento dos alunos que considera indisciplina?

Considero indisciplina quando lhes é solicitado que parem esse comportamento. Nomeadamente, o falar uns com os outros e não respeitarem as regras que eles próprios construíram. Porque normalmente para eles perceberem o que eu considero indisciplina, há um trabalho prévio em que eles constroem comigo o que consideram que perturba a sala de aula, porque a indisciplina é aquele comportamento que vem perturbar a sala de aula depois de lhes ser pedido para que termine, permanece é porque está a ser incomodativo. Portanto, quando eles compreendem que estão a ir contra as regras que estabeleceram em princípio se for uma indisciplina perceptível e que eles compreendam essa indisciplina é parada. Mas os comportamentos que perturbam mais a sala de aula, são o facto de permanecerem em conversas paralelas que vêm do recreio e que não conseguem perceber que em espaço de sala de aula já não devem continuar. O facto de se atropelarem na tomada de palavra, querem falar todos ao mesmo tempo. Nesta escola, o facto de se levantarem e que não têm isso como um comportamento que perturba porque

vai interromper o raciocínio de quem está a conduzir a aula e os colegas, que acabam por se distrair porque ficam a olhar para eles. Estes são os fatores que incomodam, mas depois há outros fatores que podem não ser considerados indisciplina, mas que são mais penalizadores para os alunos, como por exemplo, não cumprirem as tarefas na sala de aula e isso não é uma indisciplina que promova a destabilização, porque é um ato isolado e se distanciam da sala de aula, mas que penso que é mais penalizador do que a própria indisciplina.

Quais são os limites que estabelece com os alunos na sala de aula?

Mais do que regras, sejam sobretudo princípios. Os alunos vão definindo essas regras, como por exemplo, colocar o dedo no ar para falar, entrarem na sala de forma adequada, não utilizarem bonés etc... Mas depois, é preciso compreender que essas regras ou princípios de convivência na sala de aula podem ser em determinadas situações afetados. Isto já me aconteceu este ano, um garoto que cortou o cabelo e que está com imensa vergonha porque não quer mostrar porque foi um corte de cabelo que não ficou como ele esperava e que foi até numa situação de castigo por se ter portado mal e, portanto, cortou o cabelo. Está infeliz pelo corte e ainda vai ficar mais constrangido na sala de aula. Porque há uma regra que diz que ele tem que tirar o boné. Eu não me importo que nessa situação, desde que me explique a situação que fique com o boné na sala de aula. Penso que estas situações têm todas que ser avaliadas.

A indisciplina acontece em todas as aulas?

Não, não acontece em todas as aulas.

Quando realiza atividades diferentes “do normal” a indisciplina mantém-se? O que é que difere?

Eu acho que a indisciplina não está relacionada com as atividades. Tem muito haver porque há alunos que são sempre disciplinados independentemente das atividades e há outros indisciplinados por mais atividades interessantes que se possam fazer. A indisciplina está conferida a comportamentos, claro que depois a atração das matérias que possam vir a ter, e a motivação que possam ter para aprender pode influenciar, mas não está relacionado com as atividades que são proporcionadas.

Como lida com a indisciplina dos alunos?

Eu acho que é conveniente que cada foco da indisciplina seja atacado no momento, ou seja, não fazer com que aquilo cresça. Porque na indisciplina a pessoa deve comunicar, tem que ser clara na comunicação, ser assertiva, tem que dizer aquele aluno específico que o comportamento não está correto e dizer o que está mal e que têm que arranjar uma

estratégia e tentar perceber o porquê. É bom não fazer um discurso específico para a turma toda, mas para aquele aluno específico. Esta clareza é preventiva e mais justa.

Na sua opinião, a indisciplina está relacionada com que fatores?

Existe um triângulo. Se os alunos estiverem motivados, não está relacionado com as atividades, está relacionado com aquilo que eles consideram motivador, o que vêm na escola, em tudo. Se um miúdo estiver motivado a fazer seja o que for, retira do campo da indisciplina. A sua atenção está concentrada naquilo e, portanto, a motivação é um fator importante e o sucesso. Um miúdo que é constantemente confrontado com o insucesso acaba por se desmotivar e estar desinteressado na sala de aula, e pode levar à indisciplina. Penso que este triângulo é importante, a disciplina/indisciplina, a motivação e o sucesso.

A indisciplina dos alunos, desmotiva a preparação das aulas?

Não, não tenho esse fator como desmotivação na minha preparação.

Sente que a indisciplina o desmotiva a ser professor?

Não, de todo. Claro que é mais confortável trabalhar com alunos que estão aparentemente atentos, planificar uma atividade e essa atividade não é interrompida. Penso que o silêncio nem sempre é sinónimo de um clima saudável na sala de aula. É interessante para além de cumprir a planificação e transmitir conhecimentos, ter a outra parte que às vezes é a indisciplina que proporciona, até o conhecimento do outro. Um aluno que está sempre bem e no mesmo registo, possivelmente chegaremos ao fim do ano e eu não conheça nada sobre ele. Um aluno que tem um pico de indisciplina, que me leva a chegar até ele proporciona-me um conhecimento que de outra forma eu não teria.

Anexo Q. Análise das entrevistas aos alunos

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
1. ESCOLA	1.1. TRABALHO	1.1.1. ESTUDAR/ APRENDER/CONTEÚDOS ESCOLARES	<p>«É onde nós estudamos.»</p> <p>«A escola para mim é um sítio onde vamos aprender (...).»</p> <p>«Para aprendermos.»</p> <p>«(...) para estudar e para aprender mais.»</p> <p>«Para conhecer coisas novas, para saber o que aconteceu no passado que nós não sabemos.»</p> <p>«É aprendizagem.»</p> <p>«Onde podemos conhecer outras coisas.»</p> <p>«As matérias.»</p> <p>«Eu quando estou em casa estudo. Ocupo o meu tempo a estudar (...).»</p> <p>«(...) eu estudo.»</p>

			<p>«(...) eu tenho um tempo livre para estudar.»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«(...) para estudar (...)»</p> <p>«(...) os estudos.»</p> <p>«A escola é um lugar onde podemos aprender as coisas (...)»</p> <p>«(...) ter conhecimentos das coisas (...)»</p> <p>«(...) devemos estudar para ter boas notas.»</p> <p>«A escola para mim é um sítio onde se pode estudar em silêncio, (...) aprender coisas onde nós nunca tínhamos aprendido.»</p> <p>«A escola para mim é um sítio onde podemos aprender várias coisas importantes (...)»</p>
--	--	--	---

			<p>«A escola serve para ajudar-nos a perceber as coisas (...) ajudar a saber mais sobre a história do nosso país.»</p> <p>«O que nos faz vir à escola é querermos aprender coisas novas (...)»</p> <p>«O que me faz vir à escola é vir trabalhar com os stores e para estudar.»</p> <p>«Trabalhar.»</p> <p>«Aprender.»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«Para podermos saber as coisas (...)»</p> <p>«(...) então dizem para nós estudarmos e é isso que me faz vir à escola. Para nós estudarmos (...)»</p> <p>«A escola é uma coisa para aprendermos, para estudarmos, para</p>
--	--	--	---

			<p>termos aprendizagens, sermos inteligentes.»</p> <p>«(...) para aprendermos umas coisas (...)»</p> <p>«(...) para aprender coisas novas.»</p> <p>«A escola é um sítio de aprendizagem para os professores ensinem os alunos a aprender coisas novas e para que os alunos tirem as suas dúvidas.»</p> <p>«Para os professores ensinarem os alunos (...)»</p> <p>«A escola serve para aprender.»</p> <p>«A escola é um local de aprendizagem e é um local onde nós estudamos para sermos o que nós quisermos ou até</p>
--	--	--	---

			<p>mesmo para ser uns bons alunos.»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«Para aprender (...)»</p> <p>«Para poder aprender mais coisas e para também poder saber como é que é ser... como é que é saber as coisas.»</p> <p>«(...) a mim interessa-me aprender a saber como estudar (...) e interessa-me também boas notas para quando tiver filhos também lhes poder ensinar.»</p> <p>«Para aprender (...)»</p> <p>«Ter aulas de matemática.»</p> <p>«Para aprender.»</p> <p>«Menos interesse? Estudar.»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«Para aprender e para estudar para os testes.»</p>
--	--	--	--

		<p>«A escola para mim é um sítio onde podemos aprender várias coisas importantes (...)»</p> <p>«Às vezes os nossos pais dizem-nos que não querem que nós tenhamos um trabalho como o deles, então dizem para nós estudar e é isso que me faz vir à escola. (...)»</p> <p>«É um sítio onde se estuda.»</p> <p>«(...) depois estudo (...)»</p> <p>«É um sítio para estudar.»</p> <p>«Serve para aprender.»</p> <p>«A escola serve (...) para estudar, para aprender muita coisa.»</p> <p>«Para estudar, para aprendermos a nossa educação. (...)»</p>
--	--	---

			<p>«(...) estar nas aulas.»</p> <p>«(...) venho para trabalhar.»</p> <p>«Para mim a escola (...) para estudar.»</p> <p>«(...) é o facto de querer ter aulas (...)»</p> <p>«(...) estudar.»</p> <p>«Estudar e aprender.»</p> <p>«As matérias e a aprendizagem.»</p> <p>«É um sítio para aprender.»</p> <p>«É um sítio para se estudar.»</p> <p>«Para aprender (...)»</p> <p>«Para aprender.»</p> <p>«Para aprendermos a lidar.»</p> <p>«Aprender.»</p> <p>«Aprender, professora.»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«Aprender (...)»</p>
--	--	--	--

			<p>«A escola é como se fosse uma casa para estudar e para aprender coisas novas.»</p> <p>«Para estudar (...) para aprendermos coisas novas (...).»</p> <p>«Para mim é estudar e para ajudar os colegas que têm dúvidas (...).»</p> <p>«Para aprender (...).»</p> <p>«Estudar.»</p> <p>«Para aprender a estudar.»</p> <p>«A escola é onde se aprende, (...).»</p> <p>«(...) para aprendermos mais do que já sabemos.»</p> <p>«Para mim a escola é aprender (...).»</p> <p>«Para aprender (...).»</p> <p>«A escola serve para aprender, estudar (...).»</p>
--	--	--	---

			<p>«(...) eu venho à escola porque quero aprender (...)»</p> <p>«Para mim é estudar.»</p> <p>«Estudar para ser um bom aluno (...)»</p>
		<p>1.1.2. PROFISSÕES/ PREPARAR O FUTURO</p>	<p>«(...) para quando crescerem saberem as coisas que devem.»</p> <p>«Para ter um emprego bom.»</p> <p>«(...) para seguir o nosso futuro.»</p> <p>«O que me faz vir à escola é seguir o meu sonho de ser um dentista.»</p> <p>«(...) para ter o meu trabalho e interessa-me também ter boas notas para quando tiver filhos também lhes poder ensinar.»</p> <p>«(...) para ver o que vai ser a seguir no nosso futuro.»</p>

			<p>«Para mim a escola é uma profissão que vai dar umas profissões ainda melhores.»</p> <p>«Para ajudar a ter uma boa profissão (...) e se calhar irmos para a faculdade.»</p> <p>«(...) e se fizermos a escola toda podemos conseguir um bom trabalho.»</p> <p>«(...) e se tirarmos boas notas e se formos empenhados teremos um bom trabalho quando formos adultos.»</p> <p>«A escola é o exemplo do que devemos fazer para ter um bom futuro, (...). Porque o nosso futuro depende disso. Por isso temos que trabalhar.»</p>
--	--	--	--

			<p>«(...) porque quando sermos mais velhos, se nós quando arranjarmos um trabalho e não soubermos ler não vamos conseguir saber as coisas por isso é que a escola é importante.»</p> <p>«Para tentar ter um futuro melhor.»</p> <p>«Para quando crescermos termos um futuro melhor (...).»</p> <p>«(...) termos um futuro muito bom e ensinar aos nossos filhos quando os tivermos que eles têm que estudar para ter um futuro muito bom.»</p> <p>«(...) onde vamos ter uma profissão para o nosso futuro.»</p> <p>«Para o nosso futuro.»</p>
--	--	--	---

			<p>«Para conseguirmos um futuro melhor.»</p> <p>«Para termos futuro na vida.»</p> <p>«Para termos condições melhores quando formos mais velhos.»</p> <p>«Para irmos para a faculdade.»</p> <p>«Para tirarmos cursos.»</p> <p>«Para ter trabalho.»</p> <p>«Porque eu gostava de ir para a faculdade quando fosse maior e então...»</p> <p>«E para ter emprego.»</p> <p>«Quando eu for futebolista vou ser muito rico.»</p> <p>«Para passar para a faculdade.»</p> <p>«(...) para nós termos um futuro bom.»</p>
--	--	--	--

		<p>«(...) um bom futuro.»</p> <p>«(...) ter um futuro bom, não parares a viver no lixo, se não estudares, e/ou para algumas pessoas é uma prisão.»</p> <p>«(...) porque eu quero ter uma carreira no basquete ou no futebol, ainda não sei bem, portanto tenho de vir à escola para aprender tudo isso.»</p> <p>«(...) para ter uma boa carreira.»</p>	
	1.2. LUDICIDADE	1.2.1. BRINCAR	<p>«(...) brincar (...).»</p> <p>«(...) passeio e brinco.»</p> <p>«(...) passeio e todos os domingos (...).»</p> <p>«para brincar (...).»</p> <p>«(...) às vezes, jogo, vou brincar e... mais nada.»</p>

			<p>«(...) vou brincar. (...)»</p> <p>«(...) para divertimo-nos (...)»</p> <p>«(...) fico a brincar na rua com os colegas.»</p> <p>«brincar no parque.»</p> <p>«A escola serve para brincar com os amigos (...)»</p> <p>«Brincar.»</p> <p>«(...) para brincar.»</p> <p>«divertir-me.»</p> <p>«Eu gosto de ir brincar.»</p> <p>«Brincar.»</p> <p>«Brincar.»</p> <p>«É ir brincar com o P, professora.»</p> <p>«Porque podemos ir brincar no recreio.»</p> <p>«Eu gosto de brincar (...)»</p> <p>«(...) para brincar.»</p>
--	--	--	---

			<p>«(...) para brincar.»</p> <p>«(...) brinca-se (...)»</p> <p>«É também para nos divertimos (...)»</p>
	1.3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS	1.3.1. ALUNOS	<p>«Para estar com os meus amigos (...)»</p> <p>«(...)estarmos com os nossos amigos (...)»</p> <p>«é onde nós podemos crescer no meio de vários amigos (...), para ter uma vida melhor.»</p> <p>«Eu venho à escola para tar com os meus amigos(...)»</p> <p>«a companhia (...)»</p> <p>«amizade.»</p> <p>«os amigos.»</p> <p>«(...)fazer amigos (...)»</p> <p>«os amigos.»</p> <p>«os amigos.»</p> <p>«os amigos.»</p> <p>«(...) para namorar também.»</p> <p>«conviver com os colegas.»</p>

			<p>«os alunos que andam juntos a fazer grupos»</p> <p>«os grupos.»</p> <p>«(...) conhecer amigos (...)»</p> <p>«(...) para ter novas amizades (...)»</p> <p>«para conhecer pessoas (...)»</p>
	1.4. OUTROS	1.4.1. APOIO FAMILIAR	«A escola também pode servir para quando os pais vão trabalhar nós poderemos ficar aqui.»
		1.4.2. OBRIGAÇÕES	<p>«(...) também obrigação da segurança social.»</p> <p>«Porque os meus pais me mandam vir.»</p> <p>«A minha mãe obriga-me.»</p> <p>«O que me faz vir à escola é a minha mãe.»</p>
2. VIOLÊNCIA ESCOLAR	2.1. CONFLITOS FÍSICOS	2.1.1. BULLYING	«As brigas, quando nos metemos em confusões, dá mau resultado, tipo, principalmente eu e o meu amigo, no primeiro período

			<p>lutávamos muito e agora no segundo e terceiro somos muito amigos.»</p> <p>«(...)O que nos interessamos menos na escola mais é: o bullying que nos fazem.»</p> <p>«É que os mais velhos abusem dos pequenos.»</p> <p>«É que tem muitos mais velhos e podem fazer o que quiserem aos pequenos, como bater que ninguém vai ver.»</p> <p>«Não suporto os outros a fazerem bullying aos outros.»</p>
3. FORA DA ESCOLA	3.1. LUDICIDADE	3.1.1. ATIVIDADES DESPORTIVAS	<p>«Jogar futebol.»</p> <p>«Faço ginástica.»</p> <p>«Natação e patinagem.»</p> <p>«Eu jogo futebol.»</p> <p>«Eu jogo futebol.»</p> <p>«Eu segunda, quinta e sexta tenho treino de futebol. Terça tenho treino de basquete. (...)»</p>

			<p>«Eu costumo jogar basquete (...).»</p> <p>«(...) também eu vou à natação.»</p>
		3.1.2. BRINCAR	<p>«Ficar no vício, jogar ao telefone.»</p> <p>«Eu nos tempos livres, (...), brinco.»</p> <p>«Para brincar, para andar de patins (...).»</p> <p>«Fico a jogar.»</p> <p>«(...) Às vezes jogo, vou brincar e mais nada.»</p> <p>«(...) e vou brincar. Depois, vou chamando os nossos amigos para irmos jogar à bola.»</p> <p>«Brinco com o meu amigo, jogo futebol.»</p> <p>«(...) fico a brincar na rua com os meus colegas.»</p> <p>«Brincar no parque.»</p> <p>«Jogar à bola.»</p> <p>«Brincar, passear.»</p> <p>«Fico na rua a brincar.»</p>

			<p>«(...) fico na rua a brincar.»</p> <p>«(...) sair com os meus amigos, principalmente brincar!»</p> <p>«Divertir-me»</p> <p>«Divertir (...)»</p> <p>«Jogar.»</p>
		3.1.3 PASSEAR	<p>«Eu nos tempos livres, eu levo o meu cão à rua, passeio (...)»</p> <p>«(...) passeio (...)»</p> <p>«às vezes vou para a rua.»</p> <p>«Vou para a rua (...)»</p> <p>«A maioria do tempo fico na rua com o meu cão.»</p>
	3.2. TRABALHO ESCOLAR	3.2.1. ESTUDAR	<p>«(...) todos os domingos, das três às quatro, eu tenho um tempo livre para estudar.»</p> <p>«(...) para estudar também.»</p> <p>«Só estudo sábado mais nada.»</p> <p>«Sim, eu estudo.»</p> <p>«(...) depois estudo (...)».</p> <p>«Eu vou para um ATL que é na Damaia. Onde eu</p>

			estudo das 16h às 19h.» «Quarta, sábado e domingo fico a estudar (...)» «(...) estudar.»
		3.2.2. T.P.C.	
	3.3. OUTRAS	3.3.1. TAREFAS DOMÉSTICAS	«Ir buscar a minha irmã, ir para a minha avó (...)» «Vou para a minha avó (...)» «Nos meus tempos livres eu faço as tarefas de casa (...)» «(...) quando vou para casa, lancho (...)» «Costumo ir ter com a L.» «Saio da escola e vou buscar o meu filho, (...), fico com o bebé e às vezes fico a dormir.» «Vou buscar o meu irmão (...)» «Eu costumo comer ao almoço, ao jantar... (...)»
4. ESPAÇO EXTERIOR DA ESCOLA	4.1. LUDICIDADE	4.1.1. ATIVIDADES DESPORTIVAS	«Às escondidas, à apanhada.» «Era a mesma coisa que eu ia

			<p>dizer.»</p> <p>(relativamente à transcrição anterior).</p> <p>«Às vezes às escondidas e à apanhada (...)»</p> <p>«às escondidas, à apanhada (...)»</p> <p>«Brincar às escondidas (...)»</p> <p>«Brincamos à apanhada, corremos (...)»</p> <p>«Jogar à bola.»</p> <p>«Escondidas.»</p> <p>«Apanhada.»</p> <p>«Jogo do Mata.»</p> <p>«Apanhada.»</p> <p>«Às escondidas.»</p> <p>«Eu jogo à bola.»</p> <p>«Às vezes jogamos à bola, apanhada, policia-ladrão. (...)»</p> <p>«Apanhada, escondidas, futebol... mais nada.»</p> <p>«Como já disse, só jogo basquete.»</p> <p>«Eu jogo basquete com ele.»</p>
		4.1.2. CONVERSAR	«(...) conversamos.»

			«Ando com as minhas amigas a falar.»
		4.1.3 BRINCAR	<p>«Fight na brincadeira.»</p> <p>«(...) às vezes dar voltas à escola, com a minha melhor amiga.»</p> <p>«No recreio fico a brincar com o meu amigo o L.»</p> <p>«(...) fazemos alguns percursos.»</p> <p>«Brinco com a prima do G.»</p> <p>«Nós fazemos filmes.»</p> <p>«Inventamos brincadeiras.»</p> <p>«Inventamos brincadeiras.»</p> <p>«Jogamos ao <i>pisa pisa</i> pé.»</p> <p>«Eu ando pela escola e faço outras coisas.»</p> <p>«Eu faço sempre brincadeiras civilizadas.»</p>
	4.2. TRABALHO ESCOLAR	4.2.1. APRENDER/ESTUDAR	«Às vezes vou para a biblioteca, como agora ando a fazer (...)»

			<p>«(...) Às vezes também à biblioteca.»</p> <p>«(...) E algumas vezes estudo.»</p>
<p>5.</p> <p>INDISCIPLINA</p>	<p>5.1. ESPAÇO EXTERIOR</p>		<p>«Eu raspei nas contínuas, mas às vezes, não é? Há meninos que estão na fila do bar, eles são grandes e assim, eles passam, o sr. Vítor não faz nada, mas quando somos nós a passar, ela faz... o quê dama?»</p> <p>«(...) quando nos mandam sair as crianças fogem das contínuas.»</p> <p>«Quando falam mal comigo, eu falo mal com elas.»</p> <p>«Eu não sei se respeito.»</p> <p>«Se ela disser assim “tu vais para onde?” eu digo assim “você não tem nada haver com isso.»</p> <p>«Bater (...) nas auxiliares.»</p>

			«Se elas não nos respeitarem a nós também não as vamos respeitar.»
	5.2. SALA DE AULA		<p>«Quando fala bocas aos professores.»</p> <p>«Não respeitar os professores.»</p> <p>«Quando não respondo bem.»</p> <p>«Quando não deixo o professor falar.»</p> <p>«Quando a professora diz uma coisa e nós não ouvimos e quando a professora começa a gritar.»</p> <p>«Falar ao mesmo tempo que o professor.»</p> <p>«Bater nos professores (...)»</p> <p>«Quando começamos a falar e quando a professora chama a atenção, não nos calarmos.»</p> <p>«Quando estamos a falar e a professora diz para calarmos e nós não calamos (...)»</p>

		<p>«Quando a professora está a explicar uma aula e depois dois alunos começam a falar baixinho (...)»</p> <p>«Quando o professor começa a ficar com os olhos assim zangados e com olheiras é melhor parar, se não parar vai correr mal.»</p> <p>«Quando todos ficam a falar ao mesmo tempo e não metem a mão no ar e começam a reclamar quando a professora não tem a culpa.»</p> <p>«Quando começamos a gritar e a reclamar com a professora.»</p>	
			<p>«(...) para mim, eu penso que às vezes é um palco aberto...»</p> <p>«(...) quando estamos a comportar mal.»</p> <p>«A partir do momento em que</p>

			<p>começamos a desobedecer.»</p> <p>«E quando estamos a falar.»</p>
			<p>«Quando falamos mal com os nossos colegas.»</p> <p>«(...) conviver com os colegas como na rua (...)»</p> <p>«(...) não ter respeito pelos outros colegas.»</p> <p>«Quando estamos a gozar com um aluno (...)»</p> <p>«É conviver com os colegas (...)»</p> <p>«(...) começam-se a provocar e levantam-se e começam-se a bater.»</p>
			<p>«Pôr na sala dos AA's sem motivo nenhum, começar a gritar sem o aluno não fazer nada.»</p> <p>«Gritar connosco sem razões e também ser mau para nós.»</p> <p>«Quando o professor nos dá carolos.»</p>

			<p>«Bater em nós.»</p> <p>«Chamar nomes.»</p> <p>«Chamar uma auxiliar para nos colocar na sala dos AA's»</p> <p>«Falar com os nossos pais sem autorização.»</p> <p>«Sim. Falar muito alto, é desagradável.»</p> <p>«Gritarem connosco.»</p> <p>«A professora ser muito mal-educada connosco.»</p> <p>«Para a professor me respeitar ela tem que falar comigo e não fazer o que nós fazemos: falar alto, falar por cima da professora.»</p> <p>«Seria uma falta de educação porque os professores têm que dar educação aos miúdos e ensinar.»</p> <p>«Era mandar-nos para a rua sem nós fazermos nada.»</p>
--	--	--	--

			«Gritar conosco sem fazer nada, sem saber o que passou.»
6. DISCIPLINA	6.1. ESPAÇO EXTERIOR	6.1.1. AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA	<p>«Eu respeito-as, mas também as respeito porque também quero ter respeito por elas.»</p> <p>«Eu respeito-as.»</p> <p>«Fazer o que elas mandam, não portar mal...»</p> <p>«Ouvir o que elas dizem, não comer dentro do bloco ou tirar capuzes.»</p> <p>«Fazer o que elas mandam porque é para o nosso bem e é também respeitá-las porque elas não querem arranjar confusões entre nós e o resto das pessoas.»</p> <p>«Faço o que elas pedem.»</p>

			<p>«Às vezes peço desculpa se me porto mal.»</p> <p>«Sair dos sítios que elas pedirem.»</p> <p>«Não ser mal-educada.»</p> <p>«Eu digo “bom dia”.»</p> <p>«Quando elas dizem para eu sair de um sítio eu saio.»</p> <p>«Conviver com elas para elas terem mais confiança connosco.»</p> <p>«Não dizer asneiras.»</p> <p>«Respeitar.»</p> <p>«Eu ajudo, eu ajudo.»</p> <p>«Eu ajudo as auxiliares às vezes.»</p>
	6.2. SALA DE AULA	6.2.1. RESPEITO PELO PROFESSOR	<p>«(...) respeitar os professores.»</p> <p>«Respeitar os professores (...)»</p> <p>«Respeitar os professores (...)»</p> <p>«Respeitar os professores (...)»</p> <p>«O respeito é não responder aos</p>

			<p>professores, não falar quando os professores dizem que é para calar.»</p> <p>«Deixar os professores falar (...)»</p> <p>«(...) e fazer tudo o que o professor manda.»</p> <p>«Ter respeito pelos (...) professores.»</p> <p>«Ter respeito pelos (...) stores e também ter atenção e não só, motivação na aula.»</p> <p>«Ouvir os professores.»</p> <p>«(...) ouvir a professora.»</p> <p>«O respeito é... não responder aos professores, não falar quando os professores dizem que é para calar.»</p> <p>«Quando o professor tiver a falar nós não falamos por cima dos professores.»</p> <p>«É os professores, temos que</p>
--	--	--	--

			<p>respeitar quando estão a falar.»</p> <p>«Não falar ao mesmo tempo que os professores.»</p> <p>«Calarmo-nos quando o professor está a falar.»</p> <p>«Respeitar as professoras.»</p> <p>«(...) respeitar os stores e fazer o que o stor manda e apetecer.»</p> <p>«Nós respeitarmos uma professora.»</p> <p>«Numa sala de aula temos que estar quietos para ouvir a explicação que a stora dá e também devemos respeitar as professoras (...)»</p> <p>«(...) falar sempre que a professora mandar (...)»</p> <p>«Respeitar os professores, todos os que estão na sala (...) não desobedecer.»</p> <p>«(...) respeitar os professores (...)»</p> <p>«Respeitar os professores (...)»</p>
--	--	--	---

			<p>«Para mim é respeitar os professores (...).»</p> <p>«É, quando uma professora está a falar, não devemos fazer barulho, não devemos nos levantar sem autorização.»</p> <p>«Calados, a ouvir a professora (...).participar quando a professora mandar e também quando a professora manda fazer uma coisa nós temos que a fazer.»</p> <p>«(...) fazer o que o professor manda.»</p> <p>«(...) não bater, não gozar com eles (...).»</p>
		6.2.2. POSTURA NA SALA DE AULA	<p>«(...) responder só com o dedo no ar (...).»</p> <p>«Estar em silêncio (...).»</p> <p>«(...) ser comportado.»</p> <p>«(...) ter uma boa postura na cadeira.»</p>

			<p>«(...) fazer silêncio, não virar para trás.»</p> <p>«O respeito é: não virar para trás (...) ouvi-lo e estar sempre atento.»</p> <p>«Educado.»</p> <p>«Calados, em silêncio que é para ouvirmos as explicações dos professores.»</p> <p>«Calados, para podermos aprender mais (...)»</p> <p>«Estar em silêncio (...)»</p> <p>«Estar atento.»</p> <p>«Calados, virados para a frente, tar com a cadeira direita para não entortar a coluna e estar a ouvir o professor com muita atenção.»</p> <p>«Em silêncio.»</p> <p>«Calados.»</p> <p>«Em silêncio, sentados e não sentar em cima da mesa. Estar sentado nas cadeiras.»</p>
--	--	--	---

			<p>«Em silêncio.»</p> <p>«Estar em silêncio (...).»</p> <p>«Bem-comportado para aprender.»</p> <p>«Em silêncio.»</p> <p>«Em silêncio.»</p> <p>«Estar atento.»</p> <p>«Não estar desconcentrado.»</p> <p>«A falar... ah não, não podemos estar a falar.»</p> <p>«Estar em silêncio.»</p> <p>«É uma pessoa a ouvir as pessoas.»</p> <p>«É estar em silêncio.»</p> <p>«Estarmos calado, sentados, quietos.»</p> <p>«Comportarmos muito bem.»</p> <p>«Estar em silêncio (...).»</p> <p>«(...) aprender o que a stora tá a dar e não sentar em cima das cadeiras e não pôr os pés em cima da mesa.»</p> <p>«Sem capuz, sem ouvir música e sem falar e ouvir a professora para aprender mais.»</p>
--	--	--	--

			<p>«(...) pôr o dedo no ar e estar calado.»</p> <p>«(...) não ter capuz (...)»</p> <p>«Manter a postura sempre correta (...)»</p> <p>«(...) estar sempre atento à aula.»</p> <p>«É meter a mão no ar quando precisamos de dizer uma coisa e também estar em silêncio.»</p> <p>«(...) estar em silêncio quando a professora está a explicar as coisas.»</p>
		6.2.3. COLEGAS	<p>«(...) deixar os alunos falar e falar só na sua vez.»</p> <p>«ter respeito pelos colegas (...)»</p> <p>«Ter respeito pelos colegas (...)»</p> <p>«Respeitar a vez dos colegas.»</p> <p>«Respeitar as pessoas.»</p> <p>«Respeitar os colegas (...)»</p> <p>«(...) respeitar os colegas (...)»</p>

			<p>«Respeitar os (...), colegas (...))»</p> <p>«(...) respeitar os colegas (...))»</p> <p>«Respeitar os outros»</p>
7.RESPEITO	7.1. PROFESSOR/DIRETOR DE TURMA	SIM	<p>«Pelo DT (...))»</p> <p>«Devíamos respeitar todos os professores, mas eu tenho mais respeito pela DT (...))»</p> <p>«Para mim é a diretora de turma.»</p> <p>«(...) para mim é o professor de história (...))»</p> <p>«Para mim é o mesmo.»</p> <p>«Para mim é o mesmo.»</p> <p>«É o mesmo.»</p> <p>«Nós devemos ter tanto respeito pelo nosso diretor de turma como com os professores.»</p> <p>«É igual.»</p> <p>«Não, porque à professora de Matemática temos mais respeito porque ela ameaça quando fazemos</p>

			<p>barulho temos falta disciplinar.»</p> <p>«A turma toda tem mais respeito pela professora de Matemática porque ela é mais rigorosa e não brinca com ninguém.»</p> <p>«É a mesma coisa.»</p> <p>«Sim, é tudo igual.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«É o mesmo.»</p> <p>«Para mim é o mesmo, respeito todos igual.»</p> <p>«Para mim é o professor.»</p> <p>«É igual.»</p> <p>«É igual.»</p> <p>«É igual.»</p> <p>«É igual.»</p> <p>«Pela diretora de turma porque eu convivo mais com a diretora de turma e ela de certeza que tem mais confiança comigo do que com outros professores nossos.»</p>
--	--	--	---

			<p>«Tenho mais respeito pela diretora de turma porque é quem eu tenho desde o início do ano e porque tenho mais aulas por semana.»</p> <p>«Temos que ter respeito por todos. Temos que saber conviver com todos.»</p>
		NÃO	
	7.2. ESTAGIÁRIAS	SIM	<p>«Sim.»</p> <p>«Sim. (...)»</p> <p>«Sim tenho (...)»</p> <p>«Eu tenho.»</p> <p>«Eu tenho.»</p> <p>«Eu tenho respeito, mas às vezes, tenho feito umas falhazinhas e depois faço porcarias.»</p> <p>«Eu tenho»</p> <p>«Tenho, mas às vezes falo nas aulas.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Tenho muito.»</p> <p>«Eu também.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Sim temos.»</p> <p>«Sim.»</p>

			<p>«Sim, mas eu admito que às vezes me porto mal, mas tenho respeito.»</p> <p>«Sim, eu até recebi chocolates, recebi um rebuçado.»</p> <p>«Sim, tenho muito respeito.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Nem há dúvida, professora!»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Sim.»</p>
		NÃO	<p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não muito.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não muito.»</p>
		ÀS VEZES	<p>«De vez em quando (...)»</p> <p>«Às vezes.»</p> <p>«Mais ou menos, porque ficamos a falar na sala, levantamo-nos sem pedir autorização.»</p> <p>«Mais ou menos.»</p>
	7.4. AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA	SIM	<p>«Eu respeito-as (...)»</p> <p>«Eu respeito-as.»</p>

			«Ah, ya!» «Sim.» «Sim.»
		NÃO	«Não, não, não...às vezes.» «Não.» «Não.» «Não.»
8. SENTIMENTO PELO PROFESSOR	8.1. COMPORTAMENTO	SIM	«Sim, vamos ter muito respeito a esse professor (...)» «Sim, porque quando não gostamos de um professor não gostamos de ouvir as regras que ele diz, de respeitar as coisas que ele faz.» «Não.» «Não.» «Porque se a professora não estiver a ser simpática, nós não nos vamos portar bem...» «Influencia.» «Influencia.»
		NÃO	«Não.» «Não.» «Todos os professores merecem o mesmo

			<p>respeito, porque se lhe faltarmos ao respeito estamos a prejudicarmo-nos a nós e aos professores.»</p> <p>«Não, eu respeito o professor se não gostar dele.»</p> <p>«Pelo menos aprende-se como todos os professores.»</p> <p>«O professor pode ter um feitio diferente, mas tem sempre a mesma função – dar aulas e trabalhar - e nós temos que ter a educação que nos deram.»</p> <p>«Os professores são professores e nós somos os alunos e por isso temos que ter respeito.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não, tento portar-me sempre bem.»</p> <p>«Não, mesmo que ele não goste de nós temos que nos portar bem.»</p>
--	--	--	--

			<p>«Se não gostarmos do professor temos que controlar o nosso comportamento.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Tento sempre portar-me bem.»</p> <p>«Sim.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p> <p>«Não.»</p>
--	--	--	--

Anexo R. Análise das entrevistas dos professores cooperantes

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
1. INDISCIPLINA	1.1. COMPORTAMENTOS	1.1.1. PROFESSOR	<p>«A fuga ao predefinido através do Regulamento Interno de Escola, cujos pressupostos visam um bom ambiente de trabalho»</p> <p>«Considero que a indisciplina na sala de aula são comportamentos que depois de ser pedida a revisão desse comportamento, permanecem. Ou seja, ou é um comportamento depois de ser exigida uma primeira vez e recomenda a sua paragem é repetidamente conscientemente pelos alunos.»</p> <p>«Considero indisciplina quando lhes é solicitado que parem esse comportamento. Nomeadamente, o falar uns com os outros e não</p>

			<p>respeitem as regras que eles próprios construíram. Porque normalmente para eles perceberem o que eu considero indisciplina, há um trabalho prévio em que eles constroem comigo o que consideram que perturba a sala de aula, porque a indisciplina é aquele comportamento que vem perturbar a sala de aula depois de lhes ser pedido para que termine, permanece é porque está a ser incomodativo.»</p>
2. COMPORTAMENTOS	2.1. GESTÃO DA INDISCIPLINA	2.1.1. PROFESSORES	<p>«Através dos mecanismos ao meu dispor – envio para a sala de atendimento a alunos e informação posterior ao Diretor de Turma, no sentido de chamar o Encarregado de Educação à escola, caso o aluno reincida no mau comportamento.»</p> <p>«Eu acho que é conveniente que cada foco da indisciplina seja atacado no</p>

			<p>momento, ou seja, não fazer com que aquilo cresça. Porque na indisciplina a pessoa deve comunicar, tem que ser clara na comunicação, ser assertiva, tem que dizer aquele aluno específico que o comportamento não está correto e dizer o que está mal e que têm que arranjar uma estratégia e tentar perceber o porquê. É bom não fazer um discurso específico para a turma toda, mas para aquele aluno específico. Esta clareza é preventiva e mais justa.»</p>
	<p>2.2. CAUSAS DA INDISCIPLINA</p>	<p>2.2.1. ALUNOS</p>	<p>«O Desrespeito pelas ordens/instruções do professor; atitudes que dificultam o normal funcionamento das aulas.»</p> <p>«Vários: falta de acompanhamento familiar, famílias destruídas, falta de cumprimento de regras básicas no 1º ciclo.»</p>

			<p>«Infelizmente há alunos que boicotam sistematicamente as aulas que se dê uma aula “tradicional” ou se recorra a outras atividades.»</p> <p>«Mas os comportamentos que perturbam mais a sala de aula, são o facto de permanecerem em conversas paralelas que vêm do recreio e que não conseguem perceber que em espaço de sala de aula já não devem continuar. O facto de se atropelarem na tomada de palavra, querem falar todos ao mesmo tempo. Nesta escola, o facto de se levantarem e que não têm isso como um comportamento que perturba porque vai interromper o raciocínio de quem está a conduzir a aula e os colegas, que acabam por se distrair porque ficam a olhar para eles. Estes são os fatores que incomodam, mas</p>
--	--	--	--

			<p>depois há outros fatores que podem não ser considerados indisciplina, mas que são mais penalizadores para os alunos, como por exemplo, não cumprirem as tarefas na sala de aula e isso não é uma indisciplina que promova a destabilização, porque é um ato isolado e se distanciam da sala de aula, mas que penso que é mais penalizador do que a própria indisciplina.»</p>
3. CLIMA SOCIAL EM SALA DE AULA	3.1. MOTIVAÇÃO	3.1.1. PROFESSORES	<p>«Naturalmente, o estado de espírito e de disponibilidade para a atividade da lecionação sai deveras prejudicado e provoca sentimentos de impotência e frustração.»</p> <p>«Não, não tenho esse fator como desmotivação na minha preparação.»</p> <p>«Não, de todo. Claro que é mais confortável</p>

			<p>trabalhar com alunos que estão aparentemente atentos, planificar uma atividade e essa atividade não é interrompida. Penso que o silêncio nem sempre é sinónimo de um clima saudável na sala de aula. É interessante para além de cumprir a planificação e transmitir conhecimentos, ter a outra parte que às vezes é a indisciplina que proporciona, até o conhecimento do outro. Um aluno que está sempre bem e no mesmo registo, possivelmente chegaremos ao fim do ano e eu não conheça nada sobre ele. Um aluno que tem um pico de indisciplina, que me leva a chegar até ele proporciona-me um conhecimento que de outra forma eu não teria.»</p>
		3.1.2. ALUNOS	«Eu acho que a indisciplina não está

		<p>relacionada com as atividades. Tem muito haver porque há alunos que são sempre disciplinados independentemente das atividades e há outros indisciplinados por mais atividades interessantes que se possam fazer. A indisciplina está conferida a comportamentos, claro que depois a atração das matérias que possam vir a ter, e a motivação que possam ter para aprender pode influenciar, mas não está relacionado com as atividades que são proporcionadas.»</p> <p>«Existe um triângulo. Se os alunos estiverem motivados, não está relacionado com as atividades, está relacionado com aquilo que eles consideram motivador, o que vêm na escola, em tudo. Se um miúdo estiver motivado a fazer seja o</p>
--	--	--

			<p>que for, retira do campo da indisciplina. A sua atenção está concentrada naquilo e, portanto, a motivação é um fator importante e o sucesso. Um miúdo que é constantemente confrontado com o insucesso acaba por se desmotivar e estar desinteressado na sala de aula, e pode levar à indisciplina. Penso que este triangulo é importante, a disciplina/indisciplina, a motivação e o sucesso.»</p>
	<p>3.2. LIMITES</p>	<p>3.2.1. ATITUDES E COMPORTAMENTOS</p>	<p>«Aqueles que estão previstos no Regulamento Interno da Escola.»</p> <p>«Mais do que regras, sejam sobretudo princípios. Os alunos vão definindo essas regras, como por exemplo, colocar o dedo no ar para falar, entrarem na sala de forma adequada, não utilizarem bonés etc... Mas depois, é preciso</p>

			compreender que essas regras ou princípios de convivência na sala de aula podem ser em determinadas situações aferidos.»
--	--	--	--